

**A PORCELANA ARMORIADA DA COLECÇÃO DO CENTRO
CIENTÍFICO E CULTURAL DE MACAU: UMA ANÁLISE
HISTÓRICO-ARTÍSTICA E DE MERCADO**

Vera Maria Carvalho Bello Dias

Dissertação de Mestrado
em Gestão de Mercados de Arte

Orientador:

Prof. Doutor Luís Urbano de Oliveira Afonso, Prof. Auxiliar, Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa, Instituto de História da Arte

Co-orientadora:

Dr^a Maria Antónia Pinto de Matos, Directora do Museu Nacional do Azulejo, Direcção-
Geral do Património Cultural, Secretaria de Estado da Cultura

Setembro 2012

A porcelana armoriada do CCCM: uma análise histórico-artística e de mercado

RESUMO

A abordagem adoptada no presente trabalho visou identificar e enquadrar três dimensões fundamentais do conhecimento das peças armoriadas de porcelana chinesa da Colecção do CCCM, no âmbito da História da Arte e dos Mercados de Arte: a valia artística, histórica e de mercado das peças.

Após uma breve introdução sobre a arte e a evolução da porcelana na China, para melhor enquadrar a valia das peças das diferentes épocas, procedemos à análise aturada das 32 peças em causa. A metodologia de descrição adoptada foi a habitualmente seguida no estudo de colecções, com a descrição artística das peças e, no tocante ao brasão de armas, a história do *encomendante* ou de sua família. O presente estudo encontra-se organizado cronologicamente, segundo a época de produção das peças, abrangendo um período desde a dinastia Ming (1368 – 1644) ao final da dinastia Qing (1644 – 1911).

Citam-se os *encomendantes* das peças em questão, constando brasões das armas reais portuguesas; Ataíde; Beltrão de Seabra; Companhia de Jesus; Corte Real; Ordem de Santo Agostinho; Paes, Sande e Castro; Sampaio e Melo; Seabra da Silva, e armas com dupla atribuição.

Por último, apurámos dados de comercialização no mercado leiloeiro lisboeta, no período de 2005 – 2012, sendo que nos foi possível encontrar valores de martelo (expressos em valores de 2012) para 19 das 32 peças estudadas, bem como valores de outros exemplares de todas as armas estudadas.

Palavras-chave: Porcelana, China, Brasão de armas, CCCM

ABSTRACT

The approach adopted in this work aims to identify and fit three basic knowledge dimensions of Chinese armorial porcelain from the collection of CCCM, regarding Art History and Art Market analysis: the artistic, historical and market values of porcelain.

After a brief introduction to the art and development of porcelain in China, to better frame the value of different eras, we performed a thorough analysis of the 32 wares in study. The methodology adopted was the description normally followed in the study of art collections, beginning with the artistic portrayal, followed by the buyers' family history. This study is organized chronologically according to the time of production, covering a period from the Ming Dynasty (1368 - 1644) to the end of the Qing Dynasty (1644 - 1911).

The following coats of arms are covered in the current study: Portuguese royal arms; Ataíde; Beltrão Seabra; Companhia de Jesus; Corte Real; Ordem de Santo Agostinho; Paes, Sande and Castro; Sampaio e Melo; Seabra da Silva, and arms with double assignment.

Finally, we found out the prices of auctioning in Lisbon, between 2005 – 2012, for 19 of the 32 wares studied, as well as all the coats of arms studied, expressed in prices of 2012.

Keywords: Porcelain, China, coat of arms, CCCM

AGRADECIMENTOS

Para o presente estudo foi fundamental a coordenação dos orientadores Professor Doutor Luís Afonso e Dr^a Maria Antónia Pinto de Matos, a quem muito agradeço o apoio e entusiasmo, bem como o rigor e a riqueza dos elementos de estudo proporcionados. Foi igualmente fundamental o especial acolhimento proporcionado pelo CCCM, pelo seu director, Professor Doutor Luís Filipe Barreto, e pelo permanente apoio do director do museu do CCCM, Dr. Rui Abreu Dantas, bem como do Dr. Énio de Souza.

Um sincero agradecimento ao coleccionador, António Sapage, pela amabilidade dos esclarecimentos sobre o enquadramento e origem da Colecção.

A porcelana armoriada do CCCM: uma análise histórico-artística e de mercado

Ao Centro Científico e Cultural de Macau

Ao Instituto de História da Arte - FLUL

SIGLAS

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

CCCM – Centro Científico e Cultural de Macau

CML – Cabral Moncada Leilões

FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

IHA – Instituto de História da Arte

PCV – Palácio do Correio Velho

A porcelana armoriada portuguesa do CCCM: uma análise histórico-artística e de mercado

ÍNDICE

PARTE 1 – Enquadramento.....	7
1.1 O CCCM: Missões Científica e Cultural	7
1.2 As Porcelanas da Colecção do Museu do CCCM	7
1.3 Estudos Existentes Sobre a Colecção de Porcelanas do CCCM	8
1.4 Objectivos do Presente Estudo	9
1.5 Breve História da Porcelana Chinesa	9
1.6 Estudos Sobre Porcelana Armoriada (Séculos XVI - XX).....	16
1.7 Metodologia de Análise.....	19
PARTE 2 – Caracterização da Porcelana Armoriada da Colecção do CCCM	20
PARTE 3 – Conclusões.....	62
BIBLIOGRAFIA	64
Anexo I	68
Anexo II.....	77

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 – Pote, dinastia Ming, reinado de Wanli (1573 – 1619).....	21
Fig. 2 – Pequeno pote, dinastia Qing, princípios do reinado de Kangxi (1662 – 1722).....	24
Fig. 3 – Prato, dinastia Qing, reinado de Kangxi (1662 – 1722).....	26
Fig. 4 – Prato, dinastia Qing, reinado de Kangxi (1662 – 1722).....	27
Fig. 5 – Pequeno pote, dinastia Qing, princípios do reinado de Qianlong (1736 – 1795)	30
Fig. 6 – Pequeno pote, dinastia Qing, reinado de Qianlong (1736 – 1795)	31
Fig. 7 – Prato, dinastia Qing, reinado de Qianlong (1736 – 1795).....	32
Fig. 8 – Par de pratos, dinastia Qing, reinado de Qianlong (1736 – 1795)	34
Fig. 9 – Prato, dinastia Qing, reinado de Qianlong (1736 – 1795),.....	37
Fig. 10 – Prato, dinastia Qing, reinado de Qianlong (1736 – 1795).....	39
Fig. 11 – Pequeno pote, dinastia Qing, reinado de Jiaqing (1796 – 1820).....	41
Fig. 12 – Prato, dinastia Qing, reinado de Jiaqing (1796 – 1820).....	42
Fig. 13 – Prato, dinastia Qing, reinado de Jiaqing (1796 – 1820).....	44
Fig. 14 – Pequeno pote, dinastia Qing, séc. XVIII.....	46
Fig. 15 – Pote, dinastia Qing, finais do séc. XVIII	47
Fig. 16 – Pequeno pote, dinastia Qing, reinado de Daoguang (1821 – 1850).....	48
Fig. 17 – Pequeno pote, dinastia Qing, reinado de Tongzhi (1862 – 1874)	49
Fig. 18 – Jarra, dinastia Qing, reinado de Tongzhi (1862 – 1874)	50
Fig. 19 – Prato, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908).....	51
Fig. 20 – Prato, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908).....	53
Fig. 21 – Jarrão, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908)	54
Fig. 22 – Jarrão, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908)	54
Fig. 23 – Par de jarrões, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908)	56
Fig. 24 – Bacia, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 -1908).....	57
Fig. 25 – Jarro, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908)	58
Fig. 26 – Jarro, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908)	58
Fig. 27 – Jarro, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908)	58
Fig. 28 – Pequeno pote, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908).....	59
Fig. 29 – Pequeno pote, dinastia Qing, depois de 1900	60
Fig. 30 – Pequeno pote, dinastia Qing, depois de 1900	61
Fig. 31 – Faces de Jarrão, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908).....	69
Fig. 32 – Faces de jarrão, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908)	70
Fig. 33 – Faces de par de jarrões, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908).....	71
Fig. 34 – Faces e interior de bacia, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 -1908)	72
Fig. 35 – Faces de jarro, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908).....	73

A porcelana armoriada portuguesa do CCCM: uma análise histórico-artística e de mercado

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 36 –Fases de jarro, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908).....	74
Fig. 37 – Fases de jarro, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908).....	75
Fig. 38 – Pequeno pote, dinastia Qing, depois de 1900	76

SUMÁRIO EXECUTIVO

O CCCM prossegue, entre outras, a missão de difusão da cultura oriental, sob tutela do Ministérios da Educação e da Ciência. Neste âmbito, acolhe, conserva e expõe uma significativa Coleção de porcelana oriental, coligida por António Sapage. A maior parte deste acervo encontra-se exposta no Museu do CCCM, tendo sido desenvolvido o estudo sistemático e a inventariação e catalogação das peças. Em 1994, por ocasião da Exposição “Do Neolítico ao Último Imperador – a perspectiva de um colecionador de Macau”, no Palácio Nacional de Queluz, foi aprofundado o conhecimento sobre as peças expostas.

No presente estudo, propomo-nos dar continuidade a esse objectivo, contribuindo para o conhecimento e difusão do elevado valor da Coleção, dedicando-o à porcelana armoriada portuguesa de exportação chinesa da mesma. A eleição desta componente da Coleção resulta especialmente por estas peças encarnarem o encontro feliz das artes e da cultura ocidental e oriental, sendo a porcelana símbolo e síntese do encontro cultural por um longo período, dos séculos XVI a XX, entre Portugal e o Oriente.

A abordagem adoptada visou identificar e enquadrar três dimensões fundamentais do conhecimento da Coleção no âmbito da História da Arte e dos Mercados de Arte: a valia artística, histórica e de mercado das peças.

Após uma breve introdução sobre a arte e a evolução da porcelana na China, para melhor enquadrar a valia das peças das diferentes épocas, procedemos à análise aturada dos exemplares em causa.

A metodologia de análise teve por base o levantamento de referências bibliográficas na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca Municipal de Lisboa – Palácio Galveias, na Biblioteca do CCCM, na Biblioteca do Sotheby’s Institute of Art, o estudo das obras relevantes, a investigação documental no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Arquivo Histórico Ultramarino, a análise visual das peças, a entrevista ao colecionador, a pesquisa de dados e preparação de base de valores de mercado a partir dos catálogos das leiloeiras lisboetas Cabral Moncada Leilões, Palácio do Correio Velho, Veritas, e da base de dados do projecto de investigação “O mercado leiloeiro de arte antiga e contemporânea em Lisboa (2005-2011)” do IHA da FLUL.

A porcelana armoriada portuguesa do CCCM: uma análise histórico-artística e de mercado

Para a análise e descrição das peças, organizadas cronologicamente, socorremo-nos de obras fundamentais sobre colecções, tais como *Colecção RA* de M^a Antónia Pinto de Matos (2011) e os volumes *Portugal na Porcelana da China – 500 Anos de Comércio* coordenado por Alberto Varela Santos (2007-2010). A metodologia de descrição adoptada foi a habitualmente seguida no estudo de colecções, com a análise das características físicas da peça, bem como a descrição da sua decoração.

A bibliografia portuguesa forneceu um conjunto de informações muito relevante, que deu o principal suporte à identificação e estudo da história dos *encomendantes* das peças em análise, na sua maior parte ilustres figuras da sociedade e da nobreza/realeza, da administração política, em especial ultramarina, e da obra de missão da Igreja. Destacam-se, de entre estas, as obras *Cerâmica Brazonada* do Conde de Castro e Solla (1928 a 1933) e *Armorial Lusitano* (1961) de Afonso Zúquete. Lamentavelmente, as investigações no AHU e no ANTT não foram frutíferas quanto à história das peças, uma vez que os documentos das transacções comerciais não identificam especificamente as referências das encomendas, embora se tenha constatado, como outros investigadores assinalam, elevado volume de peças encomendadas e recepcionadas em Lisboa.

Citam-se os *encomendantes* das peças em questão, constando brasões das armas reais portuguesas; Ataíde; Beltrão de Seabra; Companhia de Jesus; Corte Real; Ordem de Santo Agostinho; Paes, Sande e Castro; Sampaio e Melo; Seabra da Silva, e armas com dupla atribuição.

As peças em estudo, num total de 32, contemplam um horizonte temporal significativo, com exemplares desde o século XVI ao século XX. A sua análise permitiu o enquadramento destas nos períodos da dinastia Ming (1368 – 1644) – reinado de Wanli (um pote), e da dinastia Qing (1644 – 1911) – reinados de Kangxi (dois pratos e um pote), Qianlong (dois potes e cinco pratos), Jiaqing (dois pratos e um pote), Daoguang (um pote), Tongzhi (um pote e uma jarra), Guangxu (quatro jarrões, uma bacia, três jarros, dois pratos, um pote). Sobre quatro potes, os elementos de análise permitiram o enquadramento de dois no século XVIII e outros dois no século XX.

Atesta-se também a variedade de tipologias presentes, entre serviços de mesa, de decoração e de uso pessoal, peças de uso eclesiástico, incluindo pratos, pratos de grandes dimensões, potes, jarrões, jarros e bacia.

A decoração é diversificada, entre exemplares a “azul e branco” ou policromados, com aplicação de esmaltes “família verde”, “família rosa”, *imari* e mandarim, expressando

A porcelana armoriada portuguesa do CCCM: uma análise histórico-artística e de mercado

paisagens orientais, a par de motivos, especialmente brasões de armas ou escudos eclesiásticos, flores e frutos ocidentais.

Por último, apurámos dados de comercialização no mercado leiloeiro lisboeta, no período de 2005 – 2012, sendo que nos foi possível encontrar valores de martelo (expressos em valores de 2012) para 19 das 32 peças estudadas, bem como valores de outros exemplares de todas as armas estudadas.

PARTE 1 – Enquadramento

1.1 O CCCM: Missões Científica e Cultural

Enquadrado na tutela do Ministério da Educação e Ciência, o Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM) prossegue missões essenciais de estudo e de difusão cultural do conhecimento sobre Macau e sobre as relações de Portugal com Macau e com a República Popular da China, bem como sobre as relações da Europa com a região Ásia -Pacífico, centradas, respectivamente, em Portugal e em Macau.

Tais desígnios são cumpridos mediante a investigação e a cooperação científica, cultural e artística, designadamente nas áreas da Sinologia, dos estudos sobre Macau, da Japonologia, dos estudos de Ásia do Sueste e das Relações Eurasiáticas, tendo por principais suportes os acervos documental e artístico da sua Biblioteca e do seu Museu.

De entre o significativo conjunto de atribuições do CCCM, destaca-se para os efeitos do presente estudo, as que visam promover um melhor conhecimento científico sobre a presença histórica e cultural portuguesa na região Ásia – Pacífico, em particular na República Popular da China, e contribuir para a preservação e divulgação do património cultural existente em Portugal que atesta a presença portuguesa e a sua ligação cultural à China.

1.2 As Porcelanas da Colecção do Museu do CCCM

O Museu de história e arte do CCCM reúne um acervo de cerca de 4.000 peças de arte de várias categorias, entre as quais se destacam a cerâmica, pintura, mobiliário, têxteis, documentos gráficos, numismática e ourivesaria.

Aquele distribui-se por dois núcleos: A Condição Histórico-Cultural de Macau nos séculos XVI e XVII e a Colecção de Arte Chinesa. Na primeira parte, que percorre a história de Macau, desenvolvem-se cinco secções: Portugal e China: Os Inícios do Encontro; A Cidade Portuária; Formas de Espiritualidade Chinesa; A Ordem das Transferências e Cristianismo e Cultura. A presença de objectos, imagens, livros, mapas, modelos de navios, textos de apoio e o recurso às novas tecnologias possibilitam o conhecimento do universo de Macau e das relações luso-chinesas nos séculos XVI e

XVII. Já a segunda parte, A Colecção de Arte Chinesa, reúne objectos de grande diversidade agrupados do Neolítico aos nossos dias, numa ordem didáctica e temática, de modo a transmitir constantes e variáveis de expressão artística: terracotas, bronzes, grés, porcelanas, objectos para fumo de ópio, pintura China Trade, lacas, leques, pratas, marfins, têxteis e numismática.

Tendo como principal origem a Colecção de António Sapage, o Museu do CCCM, inaugurado em 1999, dispõe, desde 1995, data da sua criação, de um interessante conjunto de c. 600 peças em cerâmica e em porcelana orientais.

A gestão deste importante acervo, incluindo a sua recolha, estudo, selecção, inventariação, digitalização, a par da promoção de novas angariações junto de entidades privadas ou institucionais, bem como da organização da sua divulgação ao público e a instituições nacionais e estrangeiras congéneres, encontra-se a cargo de um serviço específico do CCCM qualificado para estas funções, a Divisão de Museologia, Formação e Tecnologias Interactivas, o qual assegura também a gestão do Museu e o apoio aos visitantes.

1.3 Estudos Existentes Sobre a Colecção de Porcelanas do CCCM

Como referido, a Colecção artística de porcelanas do CCCM tem como origem maioritária a Colecção de António Sapage, nascido a 29 de Janeiro de 1949, em Macau, e amante de arte oriental.

O espólio do museu, incluindo exemplares deste coleccionador, foi adquirido com o apoio de um conjunto de entidades públicas e privadas de Macau, destacando-se o Dr. Stanley Ho, entre a data da sua criação e da inauguração.

Desde então, tem sido desenvolvido o estudo sistemático e a inventariação e catalogação das peças da Colecção. Todos os exemplares dispõem de *descriptor* contendo as referências de origem, época de produção, técnica de produção/decoração.

Em 1994, por ocasião da exposição temporária desta Colecção no Palácio Nacional de Queluz, com comissariado científico de Maria Antónia Pinto de Matos, foi aprofundado o conhecimento sobre as peças da Colecção do CCCM que a integraram. Neste âmbito, o catálogo do evento, *Do Neolítico ao Último Imperador* (Costa Gomes *et al.*, 1994),

dispõe de conteúdo descritor histórico-artístico mais vasto para aquelas, abrangendo já, no tocante às peças de porcelana armoriada, a descrição da sua decoração e um enquadramento sobre o *encomendante*.

1.4 Objectivos do Presente Estudo

Neste enquadramento julgámos pertinente contribuir para o estudo da Colecção, tendo optado por incidir sobre a sua porcelana chinesa armoriada portuguesa, símbolo muito próprio do encontro cultural por um longo período, dos séculos XVI a XX, entre Portugal – e mais tarde a Europa – e a China. Neste âmbito, quisemos aprofundar a análise, nas dimensões artística e histórica, das peças do Museu do CCCM, nela integrando também a dimensão de mercados de arte lisboeta.

Parte da investigação realizada para esta dissertação foi realizada na qualidade de investigadora do projecto "O mercado leiloeiro de arte antiga e contemporânea em Lisboa (2005-2011)" financiado pela UE/FCT¹.

1.5 Breve História da Porcelana Chinesa

A arte da cerâmica (do grego *keramikós*) baseia-se na propriedade que possui a argila de ser moldável quando misturada com a água e de enrijecer se submetida ao calor. Quando cozida a alta temperatura, a argila revela uma pasta branca, dura e homogénea que, quando assume uma fina espessura, se torna translúcida, brilhante e vítrea, emitindo, quando tangida, uma sonoridade peculiar.

Não se sabe ao certo a época em que surgiram as primeiras porcelanas. Afirmam alguns autores que terá surgido na dinastia Han (206 a. C – 220 d. C), quando se obteve um corpo semi-porcelânico², acinzentado e recoberto por um vidrado esbranquiçado, em cuja decoração predominam os verdes e os castanhos evocativos da patine do bronze.

¹ Com a referência PTDC/EAT-HAT/103690/2008.

² Para os chineses, peças cerâmicas deste tipo são já porcelana, pois possuem dureza e sonoridade peculiares; para os ocidentais, contudo, são proto-porcelanas, pois ainda lhes falta a qualidade essencial da translucidez.

De acordo com Teixeira Leite (1986), muitos apontam a dinastia Tang (618 – 907 d. C) como o momento em que surgem as primeiras verdadeiras porcelanas. Textos poéticos do século VII referem objectos cerâmicos que evocariam “neve e gelo” ou “prata e jade”³. Não obstante estas referências, os espécimes de verdadeira porcelana conhecidos até ao presente remontam à dinastia Song (960 – 1279 d. C).

Terá sido neste período que pela primeira vez os imperadores emprestaram o seu patrocínio à porcelana e se tornaram eles próprios colecionadores.

Segundo os anais chineses, foi sob esta dinastia que foram nomeados os primeiros superintendentes dos fornos. Importa referir que a cidade-centro de fabrico (dada a existência das matérias-primas essenciais caulino⁴ e o *petuntse*⁵), originalmente denominada Zhangnashen (Jingdezhen após 1004, em homenagem ao Imperador Jingde) adquiriu uma extraordinária dinâmica no desenvolvimento desta arte, que perdurou até à dinastia Qing⁶. O trabalho, de progressiva complexidade ao longo dos séculos, encontrava-se organizado, entre a fabricação das pastas, a sua execução pelo oleiro, a secagem, a delicada pintura (especializada por tipos de decoração), o vidrado (mescla de *petuntse* ou *baidunzi* em pó, cinzas e cal) e, por último, a cozedura e resfriamento nos poderosos fornos.

De acordo com Teixeira Leite (1986) e Pinto de Matos (1996), ao longo da dinastia Song (960 – 1279 d. C), a cerâmica conhece grande incremento aos níveis da técnica e da estética, legando-nos peças de formas simples, despojadas e equilibradas, decoradas com motivos incisos, cinzelados e moldados, revestidos de vidrados macios, brilhantes e coloridos em tons de branco ou marfim, verde, azul, cinzento e castanho. Entre os principais produtos cerâmicos mencionam-se o *Ru* (grés porcelânico com vidrado liso, opaco, de cor cinza esverdeada ou azulada), *Jun*⁷ (corpo grosso com vidrado espesso de uma cor entre o azul acinzentado e o verde), *Guan* (com vidrado liso e semi-opaco, nas

³ Um viajante árabe, de passagem pela China, no século IX, escreveu: “Existe na China uma argila finíssima, com a qual são feitos vasos transparentes como vidro, podendo-se ver água através deles.”

⁴ Argila de cor branca, constituída sobretudo por óxido de silício e óxido de alumínio, com pequena quantidade de óxidos de ferro.

⁵ Rocha contendo feldspatos e micas.

⁶ Localizada no nordeste de Jiangxi, Jingdezhen tem uma profusão de fontes de caulino e terra. Os séculos de experimentação permitem atingir a perfeição quanto à translucidez e brilho da porcelana e, graças à conexão com a corte, a área em redor de Jingdezhen tornou-se o centro da indústria de porcelana na China.

⁷ Nos princípios do século XII, os oleiros começam a juntar óxido de cobre ao vidrado não cozido que, quando submetido à cozedura por redução, produz manchas de cor púrpura brilhante que contrastam com o azul suave do vidrado.

cores cinza, verde, turquesa e azul), *Ge* (grés de corpo escuro, com vidrado cinza claro), *Ding* (porcelana translúcida extremamente branca, decorada com incisões ou padrões moldados), *celadons* de Longquan (as partes não protegidas pela vidrado queimam numa tonalidade cinza escura, devido à presença de um óxido de ferro cozido em redução), *Cizhou* (porcelana de corpo cinza dotado de uma camada branca, sobre a qual a decoração é feita a pincel, ou incisamente).

Segundo Teixeira Leite (1986), Pinto de Matos (1996) e He Li (2011), na dinastia mongol dos Yuan (1279 – 1368), os chineses exportam as peças de cerâmica mais populares, *qingbai*, *shufu*, *celadons* e grés. Os *celadons* tornam-se mais robustos, maiores e o vidrado de um tom mais verde amarelado. Os *qingbai* têm perfurações em relevo, rendilhados e cordões perlados⁸. Assiste-se à criação da porcelana *shufu*, porcelana branca decorada com motivos incisos, penteados ou moldados, cobertos por um vidrado opaco (*luanbai* ou “branco-ovo”), mais espesso e menos transparente do que o dos *qingbai*. Estes dois produtos estão na origem das porcelanas “azul e branco”⁹, a maior inovação da dinastia Yuan.

Ainda segundo os referidos autores, durante a dinastia Ming (1368 – 1644) deu-se a criação de fornos imperiais em Jingdezhen em 1402, sob o imperador Jianwen (1399 – 1402). A cerâmica Ming é caracterizada pelo predomínio da porcelana sobre o grés e a terracota, o gosto pela cor e o aparecimento das marcas de reinado (*nianhao*). A cerâmica corresponde a necessidades precisas, que vão desde os objectos relacionados com a vida da corte e os rituais, às mais simples peças da vida quotidiana. Em termos de decoração podemos apreciar representações de dragões, fénix, flores, frutos, animais míticos e comuns, peixes, paisagens, figuras humanas, personagens religiosas, emblemas e símbolos.

De acordo com Teixeira Leite (1986), Pinto de Matos (1996) e He Li (2011), sob Yongle (1403 – 1424), foi instaurado o branco, produzindo-se porcelana de pasta lisa e fina de extrema delicadeza e na época de Xuande (1426 – 1435) relevam os vermelhos cobre, de vidrados profundos e motivos moldados ou incisos, cuja técnica se perdeu, pelos monocromos azuis animados de dragões e nuvens sob o vidrado e, ainda, pelo ressurgimento do azul-turquesa em esmalte brilhante. O período Hongzhi (1488 – 1505)

⁸ Termo usado nos textos Song para descrever um tipo de porcelana com esmalte azul pálido introduzido na província de Jianxi no século X. Da dinastia Song à Yuan, os fornos nas províncias do Sul (Fujian, Zhejiang, Hunan, Guangdong e Guangxi) produziam porcelana *qingbai*.

⁹ Consiste na aplicação de azul-cobalto sob o vidrado em porcelana branca.

inova pela porcelana amarela de grande efeito decorativo (amarelo de girassol), sendo característicos do período Zengdhe (1506 – 1521) as porcelanas amarelas com dragões verdes incisos e belos exemplares de “azul e branco”.

Lobo Antunes (1999) e Pinto de Matos (2011) referem que a porcelana da China terá chegado a Portugal pela primeira vez, através de Vasco da Gama, no regresso da sua viagem à Índia em 1499, entre os vários produtos asiáticos apresentados na corte. Em 1501, Pedro Álvares Cabral, no regresso da sua viagem à Índia, também ofereceu ao rei porcelanas. Na senda dos Descobrimentos, tal arte terá impressionado os portugueses recém-chegados à China, que manifestaram para a mesma particular sensibilidade. Refira-se Duarte Barbosa (*Livro das Coisas do Oriente*, 1515-1516): “fazem em dita terra muitas porcelanas que he mui grande mercadoria pera todas partes, as quaes se fazem de buzios moydos, de cascas d’ovos, e das craras d’elles e d’outros materiais e tudo fazem um hua massa que lançao a cortir de baxo da terra por espaço de oytenta e cem annos”¹⁰. “E só depois deste tempo as “lavram”, as “vidram” e as “pintam”.”

De acordo com as referidas autoras, o rei D. Manuel I toma conhecimento da importância do comércio com a China e delinea um plano de fixação territorial, primeiro com uma armada capitaneada por Fernão Peres de Andrade e Tomé Pires, depois com uma comandada por Afonso Lopes Coutinho, cujo resultado se saldou numa batalha naval entre os dois povos. Em consequência, de 1522 a 1554, data da assinatura do acordo de Leonel de Sousa com as autoridades cantonenses para oficializar as relações de paz e comércio, as relações foram violentas e legalmente inexistentes. Os mercadores portugueses estabeleceram então um comércio activo, ilegal e clandestino com Zangzhou, Quanzhou e Liampo, com o apoio das autoridades locais. Ainda assim, salienta-se uma carta de 1522, escrita provavelmente por Diogo Lopes de Sequeira, em que se concedia às naus da China autorização para incluir no carregamento porcelana até um terço da sua carga. No mesmo ano é estabelecida uma carreira regular entre Cochim e a China. O rei D. João III, mais pragmático e bem informado que seu pai, opta pelo puro relacionamento mercantil (por volta de 1533, embora as trocas assumissem um carácter clandestino, a nossa navegação era intensa)¹¹.

¹⁰ Não obstante o processo de fabrico ter vindo a ser descrito pelo dominicano português Frei Gaspar da Cruz (*Tratado da China e Ormuz*, Lisboa, 1570), estas abordagens fantasiosas perduraram entre os europeus, até à descoberta pelo alquimista Johann Friedrich Böttger, em 1709, da importância decisiva do caulino, até então não localizado na Europa.

¹¹ Sua esposa, D. Catarina, conta-se entre uma das maiores colecionadoras europeias.

Lobo Antunes (1999) assinala que Lisboa se torna, a partir da segunda metade do século XVI, o primeiro porto europeu onde se negociava toda a casta de raridades orientais; na “rua nova d’el rei” vendiam-se ricas porcelanas, a par de livros, veludos, sedas da China e do Japão. Macau, por seu turno, constituía-se como centro de passagem obrigatória das rotas de bens entre Portugal e a China ou o Japão.

O seu declínio anuncia-se a partir de 1580, sob os auspícios de D. Filipe II de Espanha, marcado pelo corte de relações com a Holanda (1585) e com a Inglaterra (1586), que anteriormente adquiriam em Lisboa as mercadorias orientais.

No reinado Wanli (1573 – 1619) nota-se uma deterioração na qualidade dos “azul e branco”, especialmente nas peças destinadas à exportação.

No período de transição, que medeia entre os fins da dinastia Ming (1368 – 1644) e o estabelecimento definitivo da dinastia Qing (1644 – 1911), assistimos a inovações das cerâmicas *wucui* ou “cinco cores” - que compreende a paleta azul-cobalto, vermelho ferro, amarelo, turquesa, verde e preto acastanhado – criado durante a dinastia Ming, e as *doucai* ou “duas cores” - técnica em que o azul-cobalto sob o vidrado, utilizado para traçar os contornos dos motivos decorativos, contrasta com os esmaltes sobre o vidrado - bem como da “azul e branco”.

De acordo com Teixeira Leite (1986), Lobo Antunes (1999), Pinto de Matos (1996) e He Li (2011), o gosto europeu vem exercendo determinante influência na evolução da arte da porcelana chinesa. No domínio do segundo imperador da Dinastia Qing (1644 – 1911), Kangxi (1662 – 1722), o qual investe decisivamente em Jingdezhen (o centro atinge os três mil fornos), é criada, a par da produção de porcelana em “azul e branco”, a “família verde” (com paleta composta por verde, vermelho-ferro, amarelo, beringela, sendo que em c. de 1700 se junta o esmalte azul), especialmente destinada a exportação. Com Kangxi foi inaugurada uma era de grande esplendor que se prolongou pelos reinados de Yongzheng (1723 – 1735) e Qianlong (1736 – 1795), também eles protectores das artes, sendo os três imperadores mais envolvidos no fabrico de porcelana e no interesse pela cerâmica e arte ocidental. As porcelanas monocromáticas, também muito apreciadas, revestem-se de “sangue de boi” (vidrado vermelho acobreado espesso e vítreo), *casca de pêssego* e *clair de lune* (vidrado azul claro, com pouco cobalto). A exportação para a Europa aumenta imenso e a produção é massificada. No

entanto, não se conhecem muitas encomendas portuguesas da “família verde”, como assinala Lobo Antunes (1999).

Segundo Teixeira Leite (1986), Pinto de Matos (1996), Lobo Antunes (1999), o reinado de Yongzheng (1723 – 1735) é um momento considerado de elegância e graciosidade quase femininas, que alia a extrema sensibilidade oriental na percepção do gosto europeu. Produzem-se finíssimas porcelanas e é criada a decoração “família rosa” (com paleta composta por rosa, azul alfazema, verde pálido, malva e amarelo), que eclipsa as famílias precedentes e prolonga-se até aos primeiros anos do século XIX. São recuperados o amarelo e branco opacos, esmaltes usados no *cloisonné* do início do século XVII, permitindo obter uma paleta muito rica. Muitas cópias de épocas mais recuadas são produzidas, algumas de grande qualidade. Formas e decorações europeias são reproduzidas por artesãos chineses em peças de encomenda.

De acordo com Teixeira Leite (1986), Lobo Antunes (1999) e He Li (2011), sob Qianlong (1736 – 1795), patrono das artes e das letras mas de gosto conservador, cerca de 1740, surge a tinta-da-China, em especial para reprodução de gravuras europeias. Por outro lado, os europeus acolhem com agrado a decoração tradicional chinesa, sendo importada, a partir da segunda metade do reinado, grande quantidade e diversidade de peças de serviços de mesa, castiçais e artigos de higiene, com abundantes figuras chinesas, borboletas e paisagens. Em muitas encomendas se determina a aposição do brasão de armas, inserido em motivos de decoração europeia ou, muito frequentemente, oriental.

Segundo Teixeira Leite (1986) e Lobo Antunes (1999), sob a vigência de Jiaqing (1796 – 1820), ocorrem convulsões internas no país e cresce o antagonismo contra as potências europeias. Apesar de continuar a produção de “família rosa” e de cópias de peças Song e de outros períodos, a qualidade é má, com exceção das peças imperiais. De desenho descuidado, esmaltagem empastada e pasta acinzentada e com impurezas, as formas tornam-se rebuscadas, com abundante uso de fenestragens, e a decoração excessiva faz uso do ouro.

Ainda de acordo com estes autores, no reinado de Daoguang (1821 – 1850) fizeram-se numerosas imitações de porcelanas da “família verde” Kangxi (1662 – 1722) e *doucai* e azul e branca Yongzheng (1723 – 1735), além de *snuff-bottles*¹² de elevada qualidade.

¹² Frasco de rapé

Continuaram a ser produzidos vasos de formas tradicionais, alguns diferenciáveis dos antigos pelo *nianhao*. Mas decaiu muito a porcelana destinada à exportação, com a produção de grande número de louças apresentando um tipo rústico de esmaltagem “família rosa” (*rose medallion* ou mandarim), de fundo acinzentado ou mate, sem a transparência e o brilho do período Qianlong. É de notar, contudo, que datam desta época peças de boa qualidade com a marca do reinado em selo vermelho e decoração à base de longos escritos chineses, paisagens e flores.

Segundo os referidos autores, durante o reinado de Xianfeng (1851-1861), Jingdezhen é arrasada pelos rebeldes Taiping em 1853 e, em 1860, o palácio imperial é atacado por ingleses e franceses, vindo a surgir por essa ocasião na Europa as primeiras porcelanas imperiais.

De acordo com Teixeira Leite (1986), o imperador Tongzhi (1862 – 1874) reconstruiu Jingdezhen em 1864, recomeçando a sua produção de imitações de boa qualidade de modelos do reinado Kangxi (1662 – 1722) e da dinastia Ming (1368 – 1644), ainda que o fabrico não tenha mais atingido a qualidade anterior.

Segundo o mesmo autor, sob Guangxu (1875 – 1908) prosseguiram as imitações, sobretudo Kangxi (“família verde”), destacando-se o trabalho do pintor Zheng Xue em paisagens, flores e pássaros.

Após a queda da Dinastia Qing, em 1911, e implantada a República da China, o auto-proclamado imperador Hongxian encomendou a Jingdezhen cerca de 40.000 peças para o seu novo palácio, com esmaltes “família rosa”, ao estilo vigente sob Yongzheng, com desenhos de grande qualidade.

Ainda hoje a porcelana de exportação chinesa é um segmento importante das artes decorativas. De acordo com Luís Afonso (2012), foram levados a leilão entre 2005 e 2011 no mercado leiloeiro lisboeta, cerca de 6.000 lotes de porcelanas chinesas. Dos lotes a leilão, 65,01% eram do reinado de Qianlong, seguidos dos Jiaqing (14,28%) e muito menos representativo o reinado Kangxi com 4,65%. A atestar a importância da porcelana chinesa é o facto da segunda grande área de origem dos lotes ser a Ásia, com 14,05%.

Ainda segundo Luís Afonso (2012), foi apurado que as porcelanas (note-se que neste caso nos referimos não apenas à porcelana chinesa) constituem uma das três tipologias mais representativas dentre as artes decorativas do mercado leiloeiro português,

constituindo 16,90%, atrás da ourivesaria/prataria e do mobiliário. No caso da porcelana, houve uma manutenção dos valores médios da venda de lotes, passando-se de um valor de 1.010,98€ em 2005 para 1.034,57€ em 2011, enquanto que as outras tipologias tiveram quedas.

1.6 Estudos Sobre Porcelana Armoriada (Séculos XVI - XX)

Em referência ao estudo da porcelana armoriada, existem obras incontornáveis, tanto a nível nacional como internacional, que foram suporte fundamental no presente estudo. Neste capítulo, destaca-se apenas as obras que mais relevância têm para o nosso estudo, estando organizadas por obras estrangeiras e portuguesas, de temática mais geral e de estudo de colecções, seguindo uma ordem cronológica.

De entre as obras internacionais de carácter mais geral, destaca-se *China Trade Porcelain. A study in double reflections* (1973), onde Clare Le Corbeiller percorre diversos brasões europeus, constantes de peças de decoração e de artigos de higiene.

Na obra *Collecting Chinese Export Porcelain* (1978) de Elinor Gordon, podemos apreciar uma série de serviços armoriados europeus, com destaque para os ingleses.

Anthony du Boulay mostra-nos, em *Christie's Pictorial History of Chinese Ceramics* (1984), peças de porcelana brasonada de famílias europeias e da Nova Zelândia, onde se incluem também portuguesas. Armas reais portuguesas e russas estão igualmente representadas, destacando-se ainda a imagem de comemoração do 400º aniversário da chegada dos portugueses à Índia.

Em *The Chinese Armorial Porcelain* (2003), David Sanctuary Howard aborda o mercado de porcelana armoriada e descreve um vasto conjunto de brasões ingleses, escoceses e irlandeses.

Da obra *European Decoration on Oriental Porcelain 1700 – 1830* (2005), sob edição de Jorge Welsh (2005), o autor aborda a prática, na Holanda dos séculos XVII e XVIII, de pintura das nobres armas das famílias em peças de porcelana importada da China.

Quanto às obras internacionais que visam o estudo de colecções, destaque-se a edição promovida por Jorge Welsh no catálogo *Imagens do Cristianismo na Porcelana da China* (2003), que apresenta interessantes peças de heráldica religiosa portuguesa.

Por seu turno, no catálogo *Linglong* (2004), patrocinado pelo mesmo antiquário, são descritas, entre outras, peças armoriadas de famílias europeias, onde se incluem portuguesas.

Ainda a sua edição *Cenas Europeias na Arte Chinesa* (2005), contempla a caracterização e estudo de peças, designadamente contendo pseudo-brasões ingleses.

O catálogo *Porcelana Kraak. O desenvolvimento do comércio global no final do século XVI e início do século XVII*, publicado por Jorge Welsh (2008), propõe uma interessante abordagem desta tipologia de porcelana, destacando a sua história e encomendas comerciais e a sua relação com Portugal, designadamente através de peças armoriadas. Para serviço de mesa ou para decoração, as notáveis peças descritas respeitam à nobreza ou a ordens religiosas, incluindo na sua presença no Oriente, em Macau ou em Goa, e no Brasil. É realizada alusão a peças semelhantes existentes no British Museum e no Peabody Essex Museum.

Quanto a obras nacionais de carácter geral, refira-se os dois volumes da obra *Cerâmica Brazonada* do Conde de Castro e Solla (1928 a 1933), organizados em fascículos, o autor procede à identificação de 195 brasões de famílias portuguesas e estrangeiras residentes em Portugal., acompanhados de biografia da personalidade em questão.

A obra *Brasil e a Louça da Índia* (1950), de Eldino Fonseca Brancante, apresenta diversos artigos sobre temáticas referentes aos séculos XVI a XIX, terminando num catálogo de peças armoriadas (sendo que na 1ª série são estudados brasões da casa de Bragança; na 2ª de vice-reis do Brasil, ministros e embaixadores; na 3ª de capitães-mor, capitães-general, governadores e presidentes da província; e na 4ª de titulares e fidalgos), com nota biográfica do *encomendante* e descrição artística e do brasão.

O *Armorial Lusitano* (1961) de Afonso Zúquete percorre apelidos portugueses, dando-nos a génese a história da família, acompanhada da descrição do brasão.

Na obra *Loiça Brasonada* (1962) de José de Campos e Souza, destaca-se o capítulo Identificação de peças, onde procede ao estudo da história e genealogia dos *encomendantes*, bem como à descrição artística e do brasão de cerca de 30 peças.

De Nuno de Castro, em *A Porcelana Chinesa e os Brasões do Império* (1987), destacamos a interessante informação sobre 146 brasões portugueses (dos quais, 64 brasões coincidentes com Castro e Solla) e respectivas variantes de serviços em

porcelana, bem como sobre encomendas portuguesas, desde o 2º quartel do século XVIII ao século XIX, enquadrados pela abordagem do comércio português e europeu com o Oriente.

A revista *Oriental Art* vol. XLV nº1 (1999) contempla um interessante artigo *Portuguese Trade* de Maria Antónia Pinto de Matos, que trata o desenvolvimento e o interesse do comércio português, em especial de aquisição, de porcelana da China, tendo por suporte documentos históricos. Faz referência a peças exemplificativas das diferentes fases de desenvolvimento desta relação comercial, desde a porcelana azul e branca mais rústica e de motivos inicialmente orientais e da sucessiva introdução dos motivos europeus, nomeadamente das armas dos grandes compradores que foram sempre, ao longo da história, a realeza, a nobreza, o clero e a alta burguesia.

Em *Heráldica Portuguesa na Porcelana da China Ming* (2010), Pedro Dias aborda o enquadramento histórico e o desenvolvimento de relações comerciais entre Portugal e a China, da exclusividade, no século XVI, para a Companhia das Índias, entre XVII e XIX, bem como do fabrico da porcelana e sua evolução até à dinastia Ming. Reflete com detalhe sobre a evolução da heráldica portuguesa na porcelana, exemplificando com um conjunto significativo de peças com armas reais e de famílias nobres, bem como de ordens religiosas.

Quanto a obras portuguesas que concernem a colecções, refira-se *A cerâmica chinesa na colecção Dr. Anastácio Gonçalves* (1996) de Maria Antónia Pinto de Matos, que possui como enquadramento a abordagem das tipologias de porcelana e de decorações, e processo de fabrico associado, ao longo das diversas dinastias, desde Song a Qing. A autora realiza a apresentação das peças da colecção, onde relevam a heráldica real e de ordens religiosas.

No catálogo *Caminhos de Porcelana. Dinastias Ming e Qing* (1998), na exposição, com a mesma designação, promovida pela Fundação Oriente em 1998, analisam-se diversas peças, também armoriadas, provenientes de diversas colecções.

Mary Salgado Lobo Antunes, em *Porcelanas da China: Colecção Ricardo Espírito Santo Silva* (2000), analisa diversas peças de serviço de mesa e de decoração de porcelana brasonada, designadamente da paleta *imari*, procedente de nobres famílias portuguesas.

Idêntico destaque é assinalado na obra *Porcelana Chinesa da Fundação Carmona e Costa* (2002) da mesma investigadora em co-autoria com Maria Antónia Pinto de Matos, relativamente a peças armoriadas decoradas com esmaltes opacos policromos de grande intensidade.

Na edição em quatro volumes coordenada por Varela Santos (publicação de 2007 a 2010) são introduzidas as temáticas de comércio com Portugal, heráldica e ordens militares, culminando na análise de peças de diversas colecções, nomeadamente das primeiras encomendas e de porcelana armoriada pertencente à realeza, ao clero, e à aristocracia portuguesa de finais do século XVII até ao século XIX.

Por fim, a obra *Cerâmica da China. Colecção RA* de Maria Antónia Pinto de Matos, publicada em 2011, aborda a análise de uma das colecções mais abrangentes do seu tipo, reunindo peças desde a dinastia Tang à Qing, incluindo mais de 20 das primeiras encomendas para Portugal e mais de 70 para as províncias holandesas. Destacamos o 3º volume, que nos muito foi útil, dedicado ao estudo da porcelana armoriada de exportação portuguesa e estrangeira, incidindo sobre variadas peças de numerosas famílias nobres portuguesas, bem como de famílias reais e ordens eclesiásticas.

1.7 Metodologia de Análise

O presente estudo, desenvolvido entre novembro de 2011 e julho de 2012, teve por etapas fundamentais: i) a análise da informação existente sobre a Colecção; ii) o levantamento e análise de fontes bibliográficas nacionais e estrangeiras; iii) a pesquisa documental no Arquivo Histórico da Torre do Tombo e no Arquivo Histórico Ultramarino; iv) a análise das peças da Colecção, integrando a informação já existente no CCCM; v) a pesquisa e tratamento de informação sobre o mercado leiloeiro lisboeta, por recurso aos catálogos e à Base de Dados do Projecto “O mercado leiloeiro de arte antiga e contemporânea em Lisboa (2005-2011)” do IHA/FLUL.

PARTE 2 – Caracterização da Porcelana Armoriada da Coleção do CCCM

A apresentação da análise desenvolvida segue a abordagem habitual nas obras de estudo de colecção, incidindo sobre a descrição artística das peças, bem como na história do *encomendante* ou de sua família. Encontra-se organizada cronologicamente no período desde a dinastia Ming (1368 – 1644) ao final da dinastia Qing (1644 – 1911).

Atento o enquadramento do presente estudo, a análise dos exemplares inclui, conforme proposto, a estimativa do respectivo valor comercial (expresso em valores de 2012), bem como de outras peças do mesmo brasão de armas, no mercado leiloeiro lisboeta.



Fig. 1 – Pote, dinastia Ming, reinado de Wanli (1573 – 1619), c. 1575 – 1600

Porcelana branca decorada a azul sob o vidrado

Fornos de Jingdezhen, Província de Jiangxi

Armas: Ordem de Santo Agostinho

Altura – 26,5 / 27,2 cm

Diâmetro barriga – 22 cm

Diâmetro boca – 10 cm

Diâmetro pé – 14 cm

Nº Inventário: 279

Pote hexagonal, com gargalo curto e direito, tem decoração repartida por três registros horizontais. O principal está dividido em seis painéis pentagonais, delineados por linhas azuis, que apresentam, no topo e ao mesmo nível, a fachada de um edifício com cinco torres com um muro de cada lado, enfeitado com vaso de flores, e uma torre em cada extremidade. Os outros elementos decorativos estão organizados aos pares e distribuídos simetricamente, frente a frente, em torno de um motivo central.

Um painel contém a insígnia da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho – águia bicéfala sobrepujada por coroa, poisada num coração trespassado por duas setas – entre ramos de flores, em baixo, e aves voando, em cima; outro mostra uma árvore, dois pares de cavalos com sela franjada e duas aves voando; no terceiro, ramo de árvore frutífera florida, um par de leões e quatro plantas com folhas lembrando a flecha (uma planta aquática do tipo *Sagittaria*); no quarto, um rochedo e ramos de lótus sobrevoados por um pavão entre duas aves em voo; o quinto ostenta árvore com ave poisada, dois pares de elefantes com sela e ave voando; e o sexto, um grande pavão com asas e cauda abertas, poisado, entre dois elefantes com sela franjada, em baixo, e duas aves em voo. Os painéis do ombro, em posição invertida, têm decoração similar com pequenas

alterações, incluindo a insígnia agostiniana, mas sem os edifícios. O gargalo é ornamentado também com seis painéis, contendo motivos florais, e a base é rodeada por friso de pétalas com motivo vegetalista pendente, lembrando alcachofra.

Este brasão é atribuído aos agostinhos sendo que, de acordo com Maria Antónia Pinto de Matos (2011: 216) tem a seguinte leitura heráldica: “*os agostinhos calçados usavam: em campo de ouro ou de prata, uma águia bicéfala de negro, carregada sobre o peito de um escudete oval de prata com um coração inflamado de ouro, por vezes encimado por uma pequena cruz de negro, atravessado por uma ou mais setas de ouro e assente sobre um livro fechado, ou aberto, de sua cor, e segurando no bico da cabeça dextra uma correia de negro, e no da sinistra um tinteiro e porta-penas portátil.*”

Ainda de acordo com esta autora (2011), a presença da águia bicéfala levou alguns autores a relacionar a decoração deste pote com o brasão dos Habsburgo, pois a águia bicéfala representava inicialmente o escudo desta Casa Real, então reinante na Península Ibérica, e responsável pela permissão de evangelização na América pelos Agostinhos. Já a simbologia religiosa representa muito provavelmente uma alegoria à conquista espiritual dos Agostinhos, pelo que eventualmente poderemos estar perante uma representação de Jerusalém Celeste, a *Cidade de Deus*, título duma das obras fundamentais do Santo. A águia poderá simbolizar o Baptismo, a Ascensão e o Juízo Final; o elefante, o Baptismo e a virtude da castidade; o leão, a Encarnação, Ressurreição ou Misericórdia; e o pavão, a imortalidade celeste.

Existe um pote semelhante em colecção particular publicado por Varela Santos (2007: 222), bem como no Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, na Missão de Macau, Lisboa, na Hodroff Collection, EUA, no México, de acordo com Pinto de Matos (em João Rodrigues Calvão, coord., 1998: 156), e na Colecção RA, entre outros.

De acordo com Miguel Metelo de Seixas¹³ (2008), a heráldica da Ordem de Santo Agostinho é complexa. Trata-se, na verdade, de armas que recorrem a um elevado número de figuras: livro aberto ou fechado; coração, por vezes em chamas, trespassado por uma ou duas setas (sendo duas, passadas em aspa); águia bicéfala segurando nos bicos um báculo e um cinto de couro, e nas garras um sol e uma lua; e mitra ou insígnias cardinalícias.

¹³ Varela Santos, 2008, vol. II, artigo Heráldica Eclesiástica na Porcelana Chinesa de Importação Portuguesa

O coração em chamas trespassado por duas setas constitui um dos mais significativos símbolos da Ordem Agostinha. Após uma vida de procura ansiosa da verdade e de experimentação de todos os caminhos possíveis, o santo ouviu a Palavra de Deus. Essa revelação divina actuou sobre ele, tal como o próprio relata nas suas *Confissões*, como uma seta que lhe trespassara o coração, acendendo neste a chama do divino amor.

Já o livro aberto trata-se de outra alusão à Palavra Divina, representada pela Bíblia, livro sagrado pelo qual se transmite o Verbo. Em geral, o livro era representado fechado. A presença do livro completa de forma simbólica a figuração do coração flamejante: é a Palavra Divina que actua sobre o coração do santo, ferindo-o em profundidade, fazendo-o compreender a verdade da Fé e inflamando-o de amor divino. Mas pode também aludir a uma das características principais de Santo Agostinho: o estudioso e o escritor que se tornou Doutor da Igreja. Tanto num sentido como no outro, o livro constitui um símbolo particularmente pertinente para uma Ordem dedicada ao estudo, ao ensino e à difusão da Palavra de Deus.

O escudo assenta geralmente sobre uma águia bicéfala, que segura nos bicos uma báculo e um cinto, e nas garras uma lua (símbolo do Antigo Testamento) e um sol (símbolo do Novo Testamento), e está encimada por uma mitra com as suas fíbulas esvoaçantes.

Quanto à águia bicéfala, poderá, em primeiro lugar, tratar-se de uma alusão ao império romano e, portanto, à época em que o santo viveu. Conhece-se o papel que a águia jupiteriana desempenhou como insígnia das legiões romanas e, por extensão, como símbolo do *imperium* na Roma antiga. (...) A águia dos Agostinianos poderá remeter também para as legiões do Império Bizantino e para a causa da difusão da fé.

De acordo com Maria Antónia Pinto de Matos (2011), a inclusão desta na insígnia dos Agostinhos ocorreu após a descoberta de uma imagem milagrosa do Menino Jesus de Cebu, em 1564, tendo o rei Filipe II de Espanha concedido o privilégio do seu uso aos Agostinhos do Arquipélago das Filipinas, conquistado em 1562.



Fig. 2 – Pequeno pote, dinastia Qing, princípios do reinado de Kangxi (1662 – 1722)

Porcelana decorada a azul-cobalto sob o vidrado

Armas: Companhia de Jesus

Altura – 9,5 cm

Diâmetro barriga – 9 cm

Diâmetro boca – 5 cm

Diâmetro pé – 7,5 cm

Nº inventário: 772

Em forma de balaústre, com gargalo pequeno, tem decoração a azul-cobalto sob o vidrado, com motivos de flores, bagas e frutos. Contém, ao centro, as três primeiras letras do nome de Jesus em grego (IHS), com uma cruz erguida sobre o travessão do H; em ponta ou contrachefe e sob o H, os três pregos da Crucificação, dispostos um em pala (o dos pés), outro em banda e outro em barra (os das mãos), todos convergentes em ponta. O escudo encontra-se dentro de um resplendor.

Este monograma é, de acordo com Maria Antónia Pinto de Matos (2011: 194), constituído “*por as três primeiras letras do nome de Jesus em grego (IHS), com uma cruz erguida sobre o travessão do H; em ponta ou contrachefe e sob o H, os três pregos da Crucifixão, dispostas um em pala (o dos pés), outro em banda e outro em barra (os das mãos), todos convergentes em ponta. Escudo dentro de um resplendor, simbolizando o sol.*”

Varela Santos (2007: 194) apresenta algumas diferenças na representação das armas da Companhia de Jesus, sendo “*de azul (ou de prata) carregado das letras IHS de negro, tendo o H uma cruz firmada sobre a trave e em contrachefe três cravos, de prata ou de negro, tudo dentro de um sol radiante de ouro.*”

O monograma tornou-se conhecido e foi popularizado por S. Bernardino de Siena, ainda antes de ser usado pelos Jesuítas.

A Companhia de Jesus foi fundada em 1534 por Santo Inácio de Loyola, tendo sido aprovada pelo Papa Paulo III por bula de 27 de Setembro de 1540. A Ordem tinha como objectivo principal «a defesa e a propagação da fé e o aperfeiçoamento das almas na vida e doutrina cristãs.» Os primeiros jesuítas, o navarro São Francisco Xavier e o português Simão Rodrigues, chegam a Portugal por pedido de D. João III, no ano de 1540. O primeiro partiu para o Oriente e o segundo lançou as bases da província de Portugal, a primeira da Companhia em 1546.

São Francisco Xavier desembarcou em Goa a 6 de Maio de 1542 com dois companheiros e percorreu várias regiões da Índia, esteve em Malaca e nas Molucas e chegou ao Japão. Abriu o caminho missionário dos Jesuítas no Império Português: do Oriente ao Brasil, passando por África.

Ainda no século XVI houve 75 expedições da Companhia, número que cresceu no século seguinte.

No tocante ao mercado leiloeiro lisboeta, foram comercializados vários lotes do mesmo brasão, nomeadamente: um pote, em 2007, por 800€, uma taça em 2008 por 3.400€ e uma jarra em 2009 por 2.800€ (respectivamente, 877,25€, 3.637,37€ e 2.919,57€, a valores de 2012), todos pela CML. O registo mais recente é de uma jarra, levada a leilão pelo PCV em 2011, que foi retirada.

Decorado com esmaltes “família verde”, o prato de D. Luís Peregrino de Ataíde tem ao centro a representação de um escudo de fantasia sobre cartela que repousa sobre a reserva, e cuja heráldica é a seguinte: de azul, com três bandas de ouro, coronel de oito florões, dos quais cinco aparentes, alternando com pérolas, tendo entre o aro cabeça de toiro de cinzento. Em baixo, fazendo parte da decoração e em alusão ao timbre, dois toiros deitados, com as cabeças volvidas para o escudo, cinzentas.



Fig. 3 – Prato, dinastia Qing, reinado de Kangxi (1662 – 1722), c. 1665 – 1700

Porcelana decorada com esmaltes “família verde”

Armas: Ataíde

Diâmetro bordo – 47 cm

Diâmetro pé – 27 cm

Nº Inventário: 3367

De acordo com Maria Antónia Pinto de Matos (2011), a representação correcta deste brasão é: quatro bandas de prata; coronel de dezasseis pérolas ao longo do bordo superior do aro, dos quais apenas nove visíveis; uma onça de sua cor, agachada com quatro bandas de prata.

Já Afonso Zúquete (1961) e Braamcamp Freire (1989) referem a seguinte representação das armas dos Ataíde: de azul, com quatro bandas de prata. Timbre: uma onça agachada, de sua cor, bandada de quatro peças de prata.

Este prato integraria, segundo Nuno de Castro (1987), o sexto serviço encomendado por D. Luís Peregrino de Ataíde, encontrando-se um exemplar muito semelhante no tocante ao brasão em colecção particular referida por este autor.

D. Luís Peregrino de Ataíde nasceu a 16 de Outubro de 1700 e morreu em 1758. Foi o 10º conde de Atouguia (confirmado por carta régia de D. João V, datada de 13 de Março de 1713), governador e capitão-general do Algarve e pertenceu ao Conselho de D. João V e 6º vice-rei do Brasil de 1749 a 1755. Durante este último, Portugal cedeu a Espanha direitos sobre a margem esquerda do Rio da Prata. Casou a 20 de Janeiro de 1720 com D. Clara Assis Mascarenhas, filha do 2º Conde de Óbidos.

O seu filho, D. Jerónimo de Ataíde, nasceu a 14 de Julho de 1721, morreu a 18 de Janeiro de 1759, juntamente com a família da sua mulher, D. Mariana Bernarda de

Távora, filha dos 3^{os} marqueses de Távora, acusado de cumplicidade no atentado contra a vida de D. José.

De acordo com Maria Antónia Pinto de Matos (2011), estas armas também são atribuídas aos Marini, nobres e ricos mercadores venezianos, asserção que parece forçada, pois a representação das suas armas é a seguinte: de ouro, com uma banda azul carregada de uma banda ondata do campo; ou de vermelho, com uma banda de ouro carregada de uma banda ondata de azul.

O sexto serviço de D. Luís Peregrino de Ataíde é bastante raro, pois apenas encontramos no mercado leiloeiro vendas do 3^o, 4^o e 5^o serviços. Pela CML, foram comercializados um prato do 3^o serviço em 2006 por 6.000€ (6.783,31€ a valores de 2012), dois pratos de grandes dimensões do 5^o serviço em 2005 por 12.000 e 17.500€ (13.878,66€ e 20.239,72€ a valores de 2012 respectivamente) e um outro em 2012 por 1.500€. Do 4^o serviço, foram a leilão dois pratos de grandes dimensões pelo PCV em 2011 e 2012, tendo sido ambos retirados.

Foi ainda adquirido um prato de sobremesa através da CML em 2008 por 800€ (855,85€ a preços de 2012) e dois pratos no PCV em 2009 por 3.000€ (3.128,11€ a valores de corrente ano).



Fig. 4 – Prato, dinastia Qing, reinado de Kangxi (1662 – 1722), c. 1700 - 1720

Porcelana decorada a *imari* e esmaltes “família verde”

Armas: Sampaio Melo

Diâmetro bordo – 47,5 cm

Diâmetro pé – 27 cm

Nº Inventário: 3366

Prato circular, com caldeira arredondada e aba larga, de decoração *imari* (azul sob o vidrado e vermelho-ferro e ouro sobre o vidrado) e esmaltes “família verde”, com motivos de flores de lótus, crisântemos, peónias e folhagem na aba. Contém no interior, ao centro, as armas atribuídas aos Sampaio e Melo – escudo de formato peninsular esquartelado: I e IV – de branco, uma águia de negro; II e III – xadrezado de ouro e azul de quatro peças em faixa e quatro em pala. Bordadura de todo o escudo de vermelho carregada de sete fuis de cadeia aberta, de branco (em forma de S). Sobre o todo um escudete posto *au balon* com o seguinte ordenamento: de prata uma doble cruz acompanhada de seis arruelas de azul e bordadura também de azul. Coronel e paquife de fantasia.

A representação heráldica correcta destas armas, de acordo com Maria Antónia Pinto de Matos (2011: 31), é: “*São Paio (dos condes de São Paio) – esquartelado: I e IV – de prata, com uma águia de negro bicada e sancada de ouro; II e III – xadrezado de ouro e azul de quatro peças em pala e outras tantas em faixas. Bordadura de todo o escudo de vermelho carregada de sete fuis de cadeia aberta, de prata (em forma de S). Sobre tudo, escudete dos Melo – posto au balon: de vermelho, com uma doble cruz de ouro, entre seis besantes de prata. Bordadura de ouro. Timbre: uma das águias do escudo, com um fuzil do escudo no peito.*”

Já Zúquete (1961) refere algumas diferenciações quanto às armas dos Sampaio, sendo que a águia do I e IV é de púrpura lampassada de vermelho armada de negro. O II e III poderão ser xadrezados de ouro e negro, de sete peças em faixa e oito em pala, sendo que também tem a opção igual à de Maria Antónia Pinto de Matos. Quanto à bordadura, refere que é carregada de oito fuis e não de sete. No tocante à bordadura do escudete dos Melo, sustenta que é de prata e não de ouro.

Alberto Varela Santos (2009) também coincide na descrição de Maria Antónia Pinto de Matos, se bem que acrescenta que as cores e metais aparecem com variantes, nomeadamente no que diz respeito às aves (surgem também de azul e de ouro) e ao número de S na bordadura, como também vimos em Zúquete.

Este prato integraria, segundo Nuno de Castro (1987), o 2º serviço encomendado por Francisco José de Sampaio Melo e Castro. Existe um exemplar idêntico na colecção RA e na colecção M.H. Castro. Margaret Kaelin Gristina (em Varela Santos, 2009) refere também um prato muito semelhante da Colecção de António Dimos, em Cascais.

A atribuição destes brasões tem variado, devido à falta de documentação referente à encomenda.

De acordo com Maria Antónia Pinto de Matos (2011), que prefere não perfilhar nenhuma opção, Castro e Solla em 1932 identificou os apelidos correspondentes aos brasões, mas não o *encomendante*. Campos e Souza, em 1962, propõe o nome de Manuel Corte Real de Sampaio, membro do 5º Conselho Governativo da Índia (1668 – 1671), apoiado mais tarde por Luís Ferros na reedição da *Cerâmica Brazonada* de Castro e Solla em 1992, sugerindo encomenda por parte do filho ou neto de Manuel Corte Real de Sampaio. Já Nuno de Castro, em 1987, refere o nome de Francisco José de Sampaio Melo e Castro, 11º senhor de Vila Flor, 66º governador e 40º vice-rei da Índia de 1720 a 1723, sendo este o *encomendante* que o CCCM atribui ao referido brasão. Gonçalo de Sampaio e Mello, em 1984, afirma que os *encomendantes* terão sido os Melo Sampaio de Baçaim, fidalgos lusos que viviam faustosamente em Baçaim e Goa, tese apoiada mais tarde, em 1999, por João Alarcão de Carvalho Branco e Jorge Brito de Abreu. Estes últimos sugerem os nomes de Luís e Diogo de Mello Sampaio.

Refira-se ainda as atribuições que faz Lourenço Correia de Matos (em Varela Santos, 2009: 823 – 825): Ilda Arez, em 1984, refere ser um esquartelado de Teixeira e Sampaio com sobre-o-todo de Melo, mencionando Manuel Corte Real de Sampaio, bem como Anthony du Boulay na sua obra *Christie's Pictorial History of Chinese Ceramics* de 1984; em 1989, José Manuel Martins Carneiro atribui a Francisco José Sampaio Melo e Castro.

Em 2012, a Veritas vendeu um prato de grandes dimensões por 17.000€. Foi comercializado um outro em 2011, pelo PCV, por 28.000€ (29.024,80€ a valores de 2012), que poderá ter sido um valor extraordinário, pois a CML apenas realizou 8.000€ com um prato idêntico no mesmo ano (8.292,80€ a valores de 2012).

Quanto a anos anteriores, foi vendido um pires em 2008 na CML por 3.800€ (4.065€ a valores de 2012) e em 2006 outro, desta feita pelo PCV, tendo obtido valor de martelo de 6.500€ (7.348,59€ a valores do presente ano).

Quanto a outras peças da mesma família, foi levado a leilão um prato pela CML em 2009, o qual foi retirado.



Fig. 5 – Pequeno pote, dinastia Qing, princípios do reinado de Qianlong (1736 – 1795)

Porcelana decorada a azul-cobalto sob o vidrado

Armas: Companhia de Jesus

Altura – 11,7 cm

Diâmetro barriga – 10 cm

Diâmetro boca – 5 cm

Diâmetro pé – 8 cm

Nº Inventário: 157 (na reserva)

Com gargalo curto e bojo acentuado, apresenta duas pequenas asas em forma de cabeça de macaco, uma delas quebrada, a meio do bojo.

Ao centro, a azul, as três primeiras letras do nome de Jesus em grego (IHS), com uma cruz erguida sobre o travessão do H; em ponta ou contrachefe e sob o H, os três pregos da Crucificação, dispostos um em pala (o dos pés), outro em banda e outro em barra (os das mãos), todos convergentes em ponta. O escudo encontra-se dentro de um resplendor.

Para análise do *encomendante* e dos valores de mercado, vide pág. 24-25.

Outro pequeno pote, com gargalo curto e estreito, ostenta decoração a azul-cobalto sob o vidrado. Contém, ao centro, a representação simplificada da insígnia da Companhia de Jesus, sob cruz e sobre dois pregos da Crucificação, dispostos um em banda e outro em barra, convergentes em ponta, e S. A rodear, uma dupla bordadura, contendo a externa motivos de *gregas*.



Fig. 6 – Pequeno pote, dinastia Qing, reinado de Qianlong (1736 – 1795)

Porcelana decorada a azul-cobalto sob o vidrado

Armas: Companhia de Jesus

Altura – 10 cm

Diâmetro barriga – 8,5 cm

Diâmetro boca – 4,5 cm

Diâmetro pé – 6 cm

Nº Inventário: 1528

Para análise do *encomendante* e dos valores de mercado, *vide* pág. 24-25.

De formato redondo e aba inclinada e recortada, o prato inventariado com nº 759, está decorado a azul-cobalto sob o vidrado e ouro sobre o vidrado. A aba tem cercadura contínua de quadrifólios azuis realçados a ouro, contornando os recortes. O fundo, delimitado por círculo azul realçado com folhas douradas e pontos a ouro, ostenta ao centro, escudo de formato de fantasia, contido num medalhão oval de azul perfilado e contornado a ouro, com o seguinte ordenamento: de prata, um leão rampante de azul e ouro; chapéu eclesiástico de azul com uma laçada de cordões e três borlas de cada lado dispostas 1, 2 tudo do mesmo. Entre este e o escudo, circunscrevendo-o, decoração de cunho vegetalista, a ouro e azul. Bordos pintados de dourado.



Fig. 7 – Prato, dinastia Qing, reinado de Qianlong (1736 – 1795), c. 1750
Porcelana decorada a azul-cobalto sob o vidrado e ouro sobre o vidrado

Armas com dupla atribuição

Diâmetro bordo – 23,6 cm

Diâmetro pé – 12 cm

Nº Inventário: 759

De acordo com Maria Antónia Pinto de Matos (2011: 218), o brasão de armas tem a seguinte representação correcta – *“Escudo de formato de fantasia, contido num medalhão oval de azul perfilado e contornado a ouro, com o seguinte ordenamento: de prata, um leão rampante de azul e ouro; chapéu eclesiástico de azul com uma laçada de cordões e três borlas de cada lado dispostas 1, 2, tudo do mesmo. Entre este e o escudo, circunscrevendo-o, decoração de cunho vegetalista, a ouro e azul. Bordos pintados de dourado.”*

Existem peças do mesmo serviço em várias colecções, como da RA, do Museu do Caramulo, da Fundação Medeiros e Almeida, da Fundação Oriente, Lisboa e da antiga Colecção Mottahedeh, publicadas por Pinto de Matos (2011).

O CCCM e Nuno de Castro atribuem as armas deste aparelho de louça a D. Luís de Castelo Branco Correia e Cunha (1683-1749), 4º conde de Pombeiro e cónego mitrado da Sé Patriarcal de Lisboa (cargo a que renuncia para casar em 1740), visto as armas dos Castelo Branco serem de azul com um leão de ouro.

Já o conde de Castro e Solla (1929) confere estas armas a D. Alberto da Silva (1635-88), cónego regente da Ordem de Santo Agostinho e arcebispo de Goa, mas esta

atribuição poderá ser questionada pelo facto de, segundo os autores Howard e Ayers, a pasta do serviço do prato por nós estudado ser de cerca de 1740 e a forma da aba ser de um pouco depois desta data. Para estes autores, as armas poderão ter sido copiadas de um antigo selo ou o serviço destinar-se-ia não a D. Alberto, mas a um familiar.

Maria Antónia Pinto de Matos (2011) também concorda quanto ao facto de não poder ser de D. Luís de Castelo Branco Correia e Cunha pelo chapéu e pelo número de borlas não poder ser o de um cónego mitrado da Igreja Patriarcal de Lisboa, por não respeitar os privilégios concedidos pelo Papa e pelo rei D. João V. Poderá, pelo número de ordens de borlas ser de um protonotário apostólico, de um abade conventual ou até de um cónego de outra Sé, que não a de Lisboa. A segunda razão é que parece pouco credível que D. Luís Castelo Branco, que nesta data tratava de obter de Roma a dispensa da ordem e votos para poder casar e assegurar a continuidade da casa Pombeiro (o 3º conde de Pombeiro, seu irmão, morreu sem geração) encomendasse um serviço com as suas armas ornamentadas por insígnias eclesiásticas.

Quanto a Alberto Varela Santos (2008), não atribui peça semelhante com o mesmo brasão a nenhum destes *encomendantes*, pensando tratar-se de um cónego com um dos referidos apelidos.

Foram leiloadas pela CML, em 2011, uma travessa, uma travessa de terrina e um prato, sendo que a primeira realizou 2.200€ (2.280,52€ a valores de 2012), a segunda 100€ (103,66€ a valores de 2012) e o prato 1.000€ (1.036,60€ a valores de 2012). Em 2008, o valor de martelo foi de 700€ (748,87€ a valores de 2012) para um conjunto de grelha e travessa e, em 2005, de 8.000€ (9.252,44€ a valores de 2012) para uma travessa. Em 2007 levou a leilão um prato *rechaud*, que foi retirado.

Quanto a dados do PCV, em 2009 vendeu um prato por 1.100€ (1.146,97€ a valores de 2012) e outro por 1.050€ (1.187,08€ a valores de 2012) em 2006.



Fig. 8 – Par de pratos, dinastia Qing, reinado de Qianlong (1736 – 1795), c. 1760
Porcelana decorada com esmaltes da “família rosa” e ouro sobre o vidrado

Armas: Seabra da Silva

800 e 801: Diâmetro bordo – 23,7 cm

Diâmetro pé – 12,5 cm

Nº Inventário: 800 e 801

Decorados com esmaltes da paleta “família rosa” (amarelo, verde e cor-de-rosa sobre o vidrado) mostram, no centro, delimitado por um friso de folhas e bagas, um ramo de flores e, na aba, emoldurado por oito grinaldas florais ondulantes (de acordo com Margaret Kaelin Gristina, em Varela Santos, 2009: 915, “*a série de arcos e meios-arcos descritos pelas grinaldas de flores figuram em serviços de exportação feitos nos finais do século XVII*”), que entrecruzam formando pendentis ovais, o seguinte brasão de armas – escudo circular, partido: I - De vermelho, com dois leões afrontados, sustendo um ? coroado, tudo de ouro; bordadura de prata carregada de uma cadeia de negro; II - De prata, leão rampante e lampassado de vermelho. Encima o escudo coronel de conde. Maria Antónia Pinto de Matos (2011), Lourenço Correia de Matos (em Varela Santos, 2009), Braamcamp Freire (1989) e Afonso Zúquete (1961) coincidem na representação correcta destas armas: “*Escudo partido: I – Seabra (de Galiza) – De vermelho, com dois leões afrontados sustendo um fisul de cadeia quebrado (S) coroado, tudo de ouro; bordadura de prata carregada de uma cadeia de negro fechada em ponta por um cadeado do mesmo; II – Silva – De prata, com um leão de púrpura, armado e lampassado de vermelho ou azul. Coronel de conde.*”

Maria Antónia Pinto de Matos (2011) refere ainda que se encontra presente o coronel de conde devido ao tratamento de excelência – equivalente às honras de grandeza do reino – concedida por D. João V aos ministros secretários de Estado.

Segundo a classificação de Nuno de Castro, estes pratos integrariam o 2º serviço encomendado por José Seabra da Silva.

Castro e Solla (1928) publicou um prato semelhante da Colecção de Augusto C. de Campos e Sousa semelhante a estes exemplares, e na antiga Colecção Jorge Veiga, no Rio de Janeiro, existia um saleiro do mesmo serviço dos pratos em apreço publicado por Castro (1987). Maria Antónia Pinto de Matos (2011) publicou também uma travessa do mesmo serviço dos nossos pratos da Colecção RA.

As armas são atribuídas a José Seabra da Silva (1732-1813), fidalgo cavaleiro e moço com exercício no Paço. Era filho de D. Josefa Teresa de Moraes Ferraz e de Lucas Seabra da Silva (1694 – 1756), doutor em Leis e Lente de Primas na Universidade de Coimbra, Desembargador da Relação do Porto (1729), Desembargador honorário dos Agravos da Casa da Suplicação (1738), Conselheiro da Fazenda (1745), designado cavaleiro da Ordem de Cristo (1720) e fidalgo cavaleiro da Casa Real (1745).

José matriculou-se na Universidade de Coimbra em Outubro de 1744, com 11 anos, e, aos 19, já era doutor. Em 1754 foi nomeado Desembargador-Extravagante da Relação do Porto. Desempenhou variados cargos, a saber chanceler da Casa da Suplicação (1756), guarda-mor do Real Arquivo da Torre do Tombo, fiscal da Companhia do Grão Pará e Maranhão. Ministro-adjunto do Marquês de Pombal (1771 a 1774), que haveria de o perseguir, levando o rei D. José I a desterrá-lo, em 1774, para a Ilha das Cobras no Brasil, partindo para Angola no ano seguinte. Segundo Castro e Solla (1929: 38), Jacome Ratton nas suas *Recordações* refere que “*se divulgou naquele tempo, que o motivo da desgraça de Joze de Seabra fora ter comunicado á Rainha hum projecto de que só el Rei, o Marquez de Pombal, e elle Seabra Sabião, e vindo El Rei a saber pela própria boca da Rainha, que ella estava inteirada do projecto...*”.

Temos notícia, através do AHU, de uma carta particular de Seabra da Silva de 6 de Fevereiro de 1778, desde a Bahia, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, queixando-se das perseguições e injustiças sofridas.

Quando D. José I morre, sobe ao trono D. Maria I, sendo que Seabra da Silva regressa ao reino e é nomeado ministro do reino (1788-1799). Tomou importantes medidas, tais como a protecção da Academia Real das Ciências, da Universidade de Coimbra, do

Jardim Botânico e do museu, do laboratório e da Casa de Risco da Ajuda. Foi também o fundador da Biblioteca Nacional de Portugal.

Em 1799, o príncipe D. João assume a regência devido à insanidade de D. Maria I. Seabra da Silva, que defendia que se deviam convocar as cortes, foi demitido de todos os seus cargos, a 5 de Agosto desse ano, e mandado para a sua quinta do Canal, junto à Figueira, com proibição de voltar à corte.

Quando Junot invadiu Lisboa, foi-lhe oferecido um cargo de ministro, que recusou. Finalmente foi organizador da junta restauradora secreta, que tinha como objectivo expulsar os invasores.

Foi casado com Ana Felícia Coutinho Pereira de Sousa Tavares Horta Amado e Cerveira, descendente dos primeiros donatários da Bahia de Todos os Santos.

No âmbito do mercado leiloeiro, esta foi a família sobre a qual encontramos maior oferta de peças no período em análise. Em 2011, foram vendidas duas travessas, uma pela Veritas por 2.400€ (2.487,84€ a valores de 2012) e outra pelo PCV por 1.500€ (1.554,90€ a valores de 2012) e um saleiro por 5.000€ pela CML. Em 2008, uma travessa rendeu 3.000€ (3.209,44€ a valores de 2012) pela CML. Em 2007, o valor de martelo de duas cremeiras foi 3.200€ (3.508,99€ a preços de 2012) no PCV. Em 2006, a CML comercializou uma travessa por 2.500€ e um prato por 2.000€ (respectivamente, 2.826,38€ e 2.261,10€ a valores de 2012). Em 2005, foi a leilão um covilhete e dois pratos, sendo que o primeiro conseguiu 5.200€ (6.014,09€ a valores de 2012) e os pratos obtiveram 5.000€ cada (5.782,78€ a valores de 2012). Foram retirados dois pratos, em leilão no PCV, em 2010.

O prato nº de inventário 802, de aba recortada, circular, está decorado com esmaltes da paleta “família rosa”: amarelo, verde, cor-de-rosa, e azul sobre o vidrado. O fundo apresenta um ramo de flores, delimitado por uma cadeia de elos verde e preto, ligados por losangos vermelho-ferro e ouro. A cadeia é interrompida por escudo com as armas dos Corte Real em chefe: de vermelho, com seis costas de prata postas em faixa, alinhadas em duas palas, 3 e 3, moventes dos flancos e, no centro, uma lança de ouro movente do pé, posta em pala, com uma bandeira do primeiro metal. Chefe carregado

de uma cruz de vermelho. Timbre: braço armado de prata, guarnecido de ouro, com uma lança de prata montante, hasteada de ouro, com uma bandeira.



Fig. 9 – Prato, dinastia Qing, reinado de Qianlong (1736 – 1795), c. 1770

Porcelana decorada com esmaltes da “família rosa” e ouro

Armas: Corte Real

Diâmetro bordo – 22,9 cm

Diâmetro pé – 12 cm

Nº Inventário: 802

A representação correcta destas armas, por Maria Antónia Pinto de Matos (2011: 120), é a seguinte: “*De vermelho, com seis costelas de prata, postas em faixa, alinhadas em duas palas, 3 e 3, moventes dos flancos e uma lança de prata, hasteada de ouro e movente do pé, posta em pala, com uma bandeira de duas pontas do primeiro metal, carregada de uma cruz de vermelho. Chefe de prata carregada de uma cruz de vermelho, solta. Timbre: braço armado de prata, guarnecido de ouro, com uma lança de prata montante, hasteada de ouro, com uma bandeira de duas pontas, carregada de uma cruz de vermelho.*” Braamcamp Freire (1989) acrescenta à bandeira “hasteada de ouro e armada de prata”, bem como Lourenço Correia de Matos (em Varela Santos, 2009) refere também que a cruz do chefe de prata é grega, bem como a bandeira do timbre. Ainda de acordo com este autor, o braço do timbre é cortado e este tem elmo de grades de ouro, a $\frac{3}{4}$ e escudo de formato de fantasia em cartela.

A bandeira nas armas trata-se de um acrescento às armas de Corte Real, concedido a Jerónimo Corte Real por carta de brasão de armas de 17 de Outubro de 1541.

Completam a decoração raminhos de flores soltos e cercadura com linha quebrada contínua a ouro sobre vermelho-ferro que acentua o recorte da aba.

De acordo com Margaret Kaelin Gristina (em Varela Santos, 2009: 899), “*pratos com ramo central e ramos na aba foram usados em serviços para Inglaterra e outro países europeus.*”

Nuno de Castro (1987) publicou um prato com o mesmo brasão da colecção M. H. Castro, Lisboa e Castro e Solla (1929) um da sua colecção. Varela Santos (2009) também publica exemplares muito semelhantes da colecção M.O.P, da Avellar Fernandes, Brasil, de Jorge Getúlio Veiga, Brasil, e da Fundação Oriente.

O brasão de armas é atribuído a António Joaquim da Costa Corte Real (1737 – 1814), descendente de Jerónimo Corte Real, que instituiu o morgado de Vale de Palma. Jerónimo era filho de Vasco Anes Corte Real e de sua mulher D. Joana da Silva, neto paterno de João Vaz Corte Real e de sua mulher, Maria de Abarca, bisneto de Vasco Anes Corte Real e de sua mulher, e trisneto de Vasco Anes da Costa. Como referido, instituiu o morgado de Vale de Palma, o qual, por não ter geração, passou a seu sobrinho João Vaz Corte Real, filho segundo de seu irmão Manuel Corte Real. Desejando Jerónimo Corte Real que os administradores do morgado pudessem usar as armas dos Corte Real sem a diferença que teriam de pôr, em virtude de o chefe da linhagem ser o sobredito seu irmão mais velho Manuel, pediu a D. João III lhe concedesse acrescentamento para ele e seus descendentes, a que o soberano acedeu por Carta de 22-X-1542, confirmada em 10-III-1544. O acrescentamento consistiu em *uma lança com bandeira farpada e nela uma cruz.*

António Joaquim formou-se em Cânones pela Universidade de Coimbra (1759), foi desembargador da Relação da Bahia (1782), da Relação da Índia, da Relação do Porto (1794) e da Casa da Suplicação (1804).

No âmbito do mercado leiloeiro, o PCV comercializou um prato no presente ano por 700€ e, em 2010, outro por 1.400€ (1.471,56€ a valores de 2012). Ainda em 2010, retirou um prato e, no ano anterior, um covilhetete.



Fig. 10 – Prato, dinastia Qing, reinado de Qianlong (1736 – 1795), c. 1770

Porcelana decorada com esmaltes da “família rosa” e ouro

Armas: Ordem de Santo Agostinho

Diâmetro bordo – 16,4 cm

Diâmetro pé – 8,8 cm

Nº Inventário: 260

Prato com decoração de esmaltes da paleta da “família rosa”, *grisaille* e ouro. A aba é rodeada por uma banda vermelho-ferro com *gregas* em ouro, da qual pendem oito lanços em tons de dourado contornados a vermelho, cor-de-rosa, verde e azul, alternados, com grinaldas de flores suspensas. Ao centro, no fundo, escudo de formato oval: de branco, uma águia bicéfala, de negro esbatido, estendida, carregada sobre o peito de um escudete de prata com uma cruz de vermelho. Coroa real – diadema de ouro enriquecido de pedraria, rematado superiormente por oito florões de folhas de acanto, de onde emergem oito hastes também de ouro, em arco abatido, sendo aparentes cinco, encimadas no ponto de cruzamento pelo orbe crucífero, do mesmo. Ladeando o escudo, duas palmas de verde, passadas em aspa sob a ponta num atado de azul (simbologia abordada nas pág. 22-23).

Howard e Ayers questionaram-se sobre as armas representadas, sugerindo várias hipóteses inconclusivas, nomeadamente a do serviço ter sido oferecido à princesa real da Prússia, Frederica Carlota, por ocasião do seu casamento com Frederico Augusto, duque de York, filho do rei Jorge III, ainda que o estilo da porcelana e da decoração seja mais característico de cerca de 1770.

Existem várias peças deste serviço, como um prato publicado por Nuno de Castro (1987) do MNAA.

A porcelana armoriada do CCCM: uma análise histórico-artística e de mercado

De acordo com Maria Antónia Pinto de Matos (2011), foi vendido um grande serviço com esta decoração em Londres por uma família inglesa, o qual havia permanecido na família pelo menos duas gerações.

No tocante ao mercado leiloeiro, foram comercializados pela CML um prato de sobremesa em 2010 por 400€ (420,44€ a preços de 2012), e no ano anterior um prato normal por 1.000€ (1.042,70€ a preços de 2012). Em 2007 foram a leilão dois pratos de sobremesa por 1.500€ (1.644,84€) pelo PCV. Foram a leilão duas travessas, obtendo a CML 3.000€ (3.209,44€) em 2008 e a Veritas, 2.700€ (2.798,82€ a valores de 2012) em 2011. Uma tampa de terrina foi vendida por 400€ (427,93€ a valores de 2012) pelo PCV em 2008. Foi retirado um par de saleiros que tinha ido a leilão em 2007, pela mesma leiloeira.



Fig. 11 – Pequeno pote, dinastia Qing, reinado de Jiaqing (1796 – 1820)

Porcelana decorada a azul-cobalto sob o vidrado

Armas: Companhia de Jesus

Altura – 11,8 cm

Diâmetro barriga – 10,4 cm

Diâmetro boca – 5,2 cm

Diâmetro pé – 9,1 cm

Nº Inventário: 1530

Com gargalo curto e bojo largo, está decorado a azul-cobalto com motivos florais e vegetalistas, sob vidrado. Numa das faces, ao centro, encontra-se monograma da Companhia de Jesus, IHS, com uma cruz erguida sobre o travessão do H; em ponta ou contrachefe, os três pregos da Crucificação, dispostos um em pala, outro em banda e outro em barra, todos convergentes em ponta. A rodear, resplendor simbolizando o sol. Na base, quatro caracteres, dois verticais e dois horizontais, significando Deus e Igreja, respectivamente.

Para análise do *encomendante* e dos valores de mercado, *vide* pág. 24-25.

De Paes, Sande e Castro, o prato seguinte é decorado com esmaltes “família rosa”. Dispõe de uma cercadura de círculos dourados, encadeados dentro de duas estreitas faixas azuis, com estrelinhas na aba e, entre o fundo e a aba, outra com enrolamentos de cachos de uvas, parras e gavinhas.



Fig. 12 – Prato, dinastia Qing, reinado de Jiaqing (1796 – 1820), c. 1800 - 1815

Porcelana decorada com esmaltes “família rosa” e ouro

Armas: Paes, Sande e Castro

Diâmetro bordo – 24,4 cm

Diâmetro pé – 14 cm

Nº Inventário: 805

No fundo, um friso de flores cor de beringela e folhas verdes entrelaçado com ramo dourado sobre perlado azul. No centro encontra-se brasão de armas, cuja leitura heráldica descreve escudo de formato oval, cortado, sendo I – partido: 1º - De vermelho, com um leão de ouro e acantonadas quatro flores-de-lis do mesmo, uma em chefe, uma em ponta e uma em cada flanco; 2º - De azul, com nove lisonjas de ouro, dispostas 3, 3 e 3; II – De branco, seis arruelas de azul, alinhadas em pala 3 e 3; coronel de doze pérolas, das quais são visíveis sete. Pendente do escudo ladeado de dois ramos de verde passados em aspa sob a ponta, a insígnia da Ordem de Cristo sobre ramo floral.

A estas armas corresponde-lhes, segundo Maria Antónia Pinto de Matos (2011: 158), a seguinte representação correcta: “*Escudo cortado: I – Partido: 1º - Sande – De vermelho, com um leão de prata e acantonadas quatro flores-de-lis de ouro; 2º - Paes (de João Pais) – De azul, com nove lisonjas de veirado de ouro e vermelho apontadas, unidas e firmadas nos bordos do escudo e dos traços de partição e alinhadas 3, 3, 3; II – Castro (ramos bastardos, de Castela, ditos de seis) – De prata, seis arruelas de azul alinhadas em pala 3 e 3.*” Já Zúquete (1961), nas armas de Sande, refere que o leão é de ouro, opinião partilhada por Castro e Solla (1929) e Braamcamp Freire (1989).

A referida autora (2011) publicou uma poncheira muito semelhante da colecção RA. Segundo a mesma, existem peças deste serviço no Museu Nacional de Arte Antiga, na Fundação Oriente, na Colecção Ângelo Caldas, e duas jarras com tampa na Colecção

Jorge Mota. Castro e Solla (1929) publicou uma tigela e prato do mesmo serviço, da Colecção Afonso de Dornellas e Nuno de Castro (1987), um prato da Colecção M. H. Castro, Lisboa:

Estas armas são atribuídas a Manuel Paes de Sande e Castro, moço fidalgo da Casa Real, 2º donatário da vila do Souto, senhor da casa e morgado do Cabo em São João da Pesqueira, senhor da casa de Penedono, da Corte de D. João VI no Brasil e nomeado em 1806 governador e capitão-general de São Paulo, Brasil (de acordo com investigações no AHU, foi publicado um decreto de 17 de Dezembro de 1806 a nomeá-lo por três anos), herdeiro da comenda, casa e morgado de seus maiores.

Era filho de João Manuel Paes de Sande e Castro, fidalgo da Casa Real, mestre de campo de Pinhel, alcaide-mor e senhor de Penedono, herdeiro da casa e morgado do Cabo, e de sua mulher, D. Maria da Piedade Barbosa Bourbon.

Manuel casou com D. Leonor Corrêa de Sá e Benevides Velasco da Câmara, filha de Salvador Corrêa de Sá e Benevides Velasco, 5º visconde da Asseca que foi Alcaide-Mor do Rio de Janeiro, e de sua segunda mulher, D. Maria Benedita de Sampaio, filha dos primeiros condes de Sampaio.

No âmbito do mercado leiloeiro nacional, a referência mais recente é a da comercialização de dois pratos no corrente ano pelo PCV por 250€. Em 2008, a CML leilou um cesto e uma travessa por 8.000€ e 5.500€ (respectivamente, 8.558,51€ e 5.883,98€ a valores de 2012). Em 2006, a mesma leiloeira obteve valores de martelo de 1.500€ e 1.200€ (1.695,83€ e 1.356,66€ a valores do presente ano), por um covilhete e uma taça, respectivamente. Em 2005, uma terrina com tampa obteve 40.000€ (46.262,21€ a preços de 2012) no PCV, valor este que poderá reflectir o ambiente anterior à crise financeira e económica que se faz sentir no país. Foram retirados um par de pratos pelo PCV em 2010 e dois pratos pela CML, um em 2009 e o outro em 2005.



Fig. 13 – Prato, dinastia Qing, reinado de Jiaqing (1796 – 1820), c. 1810
Porcelana decorada com esmaltes da “família rosa” e ouro sobre vidro

Armas: Beltrão de Seabra

Diâmetro bordo – 24,7 cm

Diâmetro pé – 13 cm

Nº inventário: 806

Com esmaltes da paleta da “família rosa” e ouro sobre o vidro, a aba é decorada com cercadura de fundo cor-de-tijolo com flores policromas (cor-de-rosa, amarelo, azul e branco), entre dois filetes dourados e perlado azul, inspirada em modelo europeu; no topo da caldeira, uma linha ondulante de pequenos rebentos estilizados, que separa a aba do covo do prato. No centro apresenta um escudo em bico com as armas dos Beltrão e dos Seabra: partido I, de ouro, dois crescentes de negro, deitados, voltados, adossados e unidos; e II, de vermelho, com dois leões afrontados, sustendo um S coroado, tudo de ouro. Coronel de doze pérolas, sendo sete aparentes. Paquife de fantasia; ornamentado por festões de flores e folhas pendentes do paquife.

A representação correcta destas armas, segundo Maria Antónia Pinto de Matos (2011: 148), é: “*Escudo partido: I – Beltrão (de Manuel Beltrán, de Navarra) – De ouro, dois crescentes de negro adossados, com as pontas para os flancos do escudo. II – Seabra (da Galiza) – De vermelho, dois leões afrontados, sustendo um fuzil de cadeia quebrado e coroado, tudo de ouro; bordadura de prata, carregada de uma cadeia de negro fechada em campanha por um aloquete (cadeado) do mesmo.*” Castro e Solla (1929), Afonso Zúquete (1961) e Braamcamp Freire (1989) partilham desta descrição.

O primeiro (1929) publicou uma travessa do mesmo serviço da Colecção de D. Afonso Dornellas, Nuno de Castro (1987) um prato da colecção M. H. Castro e Mary Salgado Lobo Antunes (em Pinto de Matos, 2011) uma terrina com travessa e dois pratos com

aba vazada, provenientes da Colecção de Ricardo do Espírito Santo Silva. Existem também dois pratos muito semelhantes na Colecção RA (Pinto de Matos, 2011).

José Maria de Almeida Beltrão de Seabra, fidalgo da Casa Real, Senhor do Morgado de Cassurrães, magistrado, casou com D. Ana Felícia de Sande e Bourbon, filha de Manuel Pais de Sande e Castro, Governador e Capitão-General de S. Paulo (Brasil). Para Maria Antónia Pinto de Matos (2011) e Costa Gomes *et al.* (1994), D. Anna Felícia é considerada irmã de Manoel Paes de Sande e Castro; já Nuno de Castro (1987) refere que D. Anna Felícia é filha deste último (abordado a pág. 41-43).

Filho de Lucas de Seabra da Silva, conselheiro do Ultramar e moço fidalgo da Casa Real, e de sua mulher e sobrinha, D. Manuela de Almeida Beltrão, herdeira dos morgados de Cassurrães e Espinho. Neto materno de Miguel António de Almeida Beltrão, capitão de cavalos em Moura e superintendente da coudelaria da comarca de Linhares, e de sua mulher, D. Francisca Seabra da Silva, irmã de Lucas Seabra da Silva e de José Seabra da Silva., ministro de D. José e de D. Maria I e pai do 1º visconde e do 1º conde da Bahia (abordado a pág 34 – 36). Bisneto materno de Lucas Seabra da Silva, fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo, doutor em Leis pela Universidade de Coimbra, do Conselho de D. João V e D. José, Desembargador da casa da Suplicação com exercício na Relação e na Casa do Porto, e de sua mulher, D. Josefa Teresa de Moraes Ferraz, 6ª administradora do Morgado de Figueiró dos Vinhos, pelo lado de sua mãe.

No tocante ao mercado leiloeiro, foram comercializados quatro pratos deste serviço, sendo um de sobremesa pelo PCV em 2007, por 450€ (493,45€ a valores de 2012), outro por 680€ (727,47€ a preços de 2012) através da CML em 2008 e o normal teve preço de martelo de 750€ (802,36€ a preços de 2012) no PCV, em 2008. Anteriormente, em 2005, um prato ascendeu a 800€ (925,24€ a preços de 2012) na CML. Em 2011 e 2012 foram retirados um prato de sopa no PCV e um prato na CML, respectivamente. Em 2008 e 2009 foram retiradas duas travessas pela CML.



Fig. 14 – Pequeno pote, dinastia Qing, séc. XVIII

Porcelana decorada a azul-cobalto sob o vidrado

Armas: Companhia de Jesus

Altura – 11,3 cm

Diâmetro barriga – 10,2 cm

Diâmetro boca – 5 cm

Diâmetro pé – 8,2 cm

Nº Inventário: 1529

Em forma de balaústre, com gargalo pequeno, apresenta motivos de folhas e flores a azul sob o vidrado. Ostenta, ao centro, as três primeiras letras do nome de Jesus em grego (IHS), invertidas, com uma cruz erguida sobre o travessão do H; em ponta ou contrachefe e sob o H, os três pregos da Crucificação, dispostos um em pala, outro em banda e outro em barra, todos convergentes em ponta. O escudo encontra-se dentro de um resplendor.

Para análise do *encomendante* e dos valores de mercado, *vide* pág. 24-25.



Fig. 15 – Pote, dinastia Qing, finais do séc. XVIII
Porcelana decorada com esmaltes “família rosa”

Armas: Companhia de Jesus

Altura – 28,2 cm

Diâmetro – 12 cm

Nº Inventário: 2847

Pote de talhe cilíndrico, em porcelana decorada com esmaltes “família rosa”, com motivos de flores, cachos com uvas e espigas de trigo, simbolizando estas últimas o vinho e o pão da Eucaristia. Ao centro, figura a interpretação simplificada da heráldica da Companhia de Jesus, circundada por resplendor, sendo ambas a ouro.

Para análise do *encomendante* e do mercado leiloeiro, para peças a “azul e branco”, *vide* pág. 24-25.

DINASTIA QING – REINADO DE DAOGUANG (1821 – 1850)



Fig. 16 – Pequeno pote, dinastia Qing, reinado de Daoguang (1821 – 1850)

Porcelana decorada a azul-cobalto sob o vidrado

Armas: Companhia de Jesus

Altura – 11,4 cm

Diâmetro barriga – 9,5 cm

Diâmetro boca – 4,5 cm

Diâmetro pé – 7 cm

Nº Inventário: 776

De porcelana branca e espessa, com gargalo curto pontuado, apresenta decoração a azul-cobalto, com motivos de flores, folhas, bagas e frutos, sob vidrado. A insígnia da Companhia de Jesus – cruz e H contidos num círculo – está representada em ambas as faces.

De acordo com o catálogo “Do Neolítico ao Último Imperador”, conhece-se um pote decorado com insígnia idêntica na colecção Mottahedeh, datado de meados para a 2ª metade do século XVII, e numa colecção datado do período Kangxi, cerca de 1680.

Para análise do *encomendante*, vide pág. 24-25. O estudo do mercado leiloeiro não evidenciou comercialização de peças idênticas, produzidas neste reinado.



Fig. 17 – Pequeno pote, dinastia Qing, reinado de Tongzhi (1862 – 1874)

Porcelana decorada a azul-cobalto sob o vidrado e esmaltes

Armas: Companhia de Jesus

Altura – 10 cm

Diâmetro barriga – 9,2 cm

Diâmetro boca – 2,9 cm

Diâmetro pé – 6,6 cm

Nº inventário: 777

Com gargalo pequeno e estreito e bojo muito acentuado, encontra-se decorado com flores e folhas a azul-cobalto sob vidrado. Contém, ao centro, a vermelho-ferro e ouro sobre o vidrado, dentro de resplendor, as três primeiras letras do nome de Jesus em grego (IHS), com uma cruz erguida sobre o travessão do H; em ponta ou contrachefe e sob o H, os três pregos da Crucificação, dispostos um em pala, outro em banda e outro em barra, todos convergentes em ponta.

Para análise do *encomendante*, vide pág. 24-25. O estudo do mercado leiloeiro não evidenciou comercialização de peças idênticas, produzidas neste reinado.

Ainda da Companhia de Jesus, a jarra com o nº de inventário 824, encontra-se assente em pequeno frete, ligeiramente inclinado para o interior; remata o corpo rectangular um colo não muito longo que abre em trombeta.



Fig. 18 – Jarra, dinastia Qing, reinado de Tongzhi (1862 – 1874)
Porcelana decorada com esmaltes policromos sobre o vidrado

Armas: Companhia de Jesus

Altura – 23,3 cm

Diâmetro boca – 8,3 cm

Diâmetro pé – 7,2 cm

Nº Inventário: 824

A decoração em esmaltes polícromos cor-de-rosa, amarelo, verde e castanho sobre o vidrado, é constituída por heráldica religiosa da Companhia de Jesus, a ouro, frutos (cachos de uvas com parras e gavinhas, pêsegos, romãs e outros) e flores. A rodear, resplendor a ouro.

Na base, marca apócrifa de Qianlong, de acordo com o catálogo *Do Neolítico ao Último Imperador* (Costa Gomes *et al.*, 1994).

Existe um exemplar semelhante em colecção particular, variando apenas no tipo de frutos, publicado por Varela Santos (2008).

Para análise do *encomendante*, vide pág. 24-25. O estudo do mercado leiloeiro não evidenciou comercialização de peças idênticas, produzidas neste reinado.



Fig. 19 – Prato, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908)

Porcelana decorada com esmaltes vermelho-ferro

Armas Reais Portuguesas

Diâmetro bordo – 14 cm

Diâmetro pé – 8 cm

Nº Inventário: 2486

Profusamente decorado a vermelho-ferro, realçado a ouro, com pavões, aves exóticas, borboletas, flores, frutos e rochedos perfurados, distribuídos em redor do medalhão redondo ao centro, contendo as armas de Portugal, cuja representação é a seguinte: Escudo de formato francês – De branco, cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um deles carregado de cinco besantes do campo; Bordadura de vermelho, carregado de sete torres de ouro; Coroa real forrada de vermelho – Diadema de ouro, fechado por sete hastes em arco abatido, de ouro, perladas, sendo aparentes quatro, encimados no ponto de cruzamento pelo mundo crucífero. Ladeiam o brasão dois ramos de verde, passados em aspa sob a ponta e atados de vermelho. Circundando o conjunto, a legenda, a negro PALÁCIO DO GOVERNO DE MACAU.

A representação correcta destas armas, de acordo com Maria Antónia Pinto de Matos (2011: 172), é *“De prata, cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um deles carregado de cinco besantes do campo. Bordadura, de vermelho, carregada de sete castelos de ouro. Coroa real – Diadema de ouro, enriquecido de pedraria, fechado por oito hastes em arco abatido, de ouro, perladas, sendo aparentes cinco, encimados no ponto de cruzamento pelo mundo crucífero. Por vezes aparece forrada de vermelho. A coroa real portuguesa mandada realizar por D. João VI no Brasil, que ainda existe, tem diadema de ouro sem pedraria.”*

Castro e Solla (1931) publicou um prato da sua colecção muito semelhante a este, que afirma fazer parte de um serviço de almoço, encomendado na 2ª metade do século XIX. Nuno de Castro (1987) publicou um prato coberto do mesmo serviço, proveniente da Colecção Jorge Veiga. Segundo a classificação deste autor, a presente peça integraria o 2º serviço do rei D. Luís I. Maria Antónia Pinto de Matos (2011) publicou um pires do mesmo serviço.

O governo de Macau começou por pertencer aos capitães das armas que ali chegaram, até que, em 1583, se fundou o Senado, que se encarregava da governação municipal e administrativa. Francisco Lopes Carrasco foi nomeado 1º governador de Macau, apenas para os assuntos militares, por carta régia de 28 de Novembro de 1615, tendo tomado posse do cargo em 31 de Agosto de 1616.

Já os governadores que poderão ter encomendado as peças aqui tratadas, pertencentes aos finais do século XIX, são Joaquim José da Graça (tomou posse a 28 de Novembro de 1879), Tomás de Sousa Rosa (a 23 de Abril de 1883), Firmino José da Costa (a 7 de Agosto de 1886), Francisco Teixeira da Silva (a 5 de Fevereiro de 1889), Custódio Miguel de Borja (a 16 de Outubro de 1890), José Maria de Sousa Horta e Costa (a 24 de Março de 1894) ou Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo (a 12 de Maio de 1897).

O presente enquadramento do(s) *encomendante(s)* aplica-se igualmente às peças a seguir descritas, apresentadas nas fig. 19-27, a pág. 53-58.

O estudo do mercado de arte leiloeiro não evidenciou comercialização de prato idêntico.

Também do Palácio do Governo de Macau, um prato com esmaltes “família rosa de Cantão” e ouro e decoração mandarim, é composto por quatro painéis com motivos de pássaros e borboletas pousando sobre ramos de camélias ou figuras chinesas em interior, rodeados por gavinhas ondulantes e flores sobre fundo dourado e bordo debruado também a dourado.



Fig. 20 – Prato, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908), c. 1880

Porcelana decorada com esmaltes “família rosa de Cantão” e ouro

Armas Reais Portuguesas

Diâmetro bordo – 25 cm

Diâmetro pé – 15 cm

Nº Inventário: 266

Contém medalhão redondo ao centro, com as armas de Portugal, cuja representação é: Escudo de formato francês – De branco, cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um deles carregado de cinco besantes do campo; Bordadura de vermelho, carregado de sete torres de ouro; Coroa real – Diadema de ouro, enriquecido de pedraria, fechado por oito hastes em arco abatido, de ouro, perladas, sendo aparentes cinco, encimados no ponto de cruzamento pelo mundo crucífero, forrada de vermelho. Ladeiam o brasão dois ramos de verde, passados em aspa sob a ponta e atados de vermelho. Circundando o conjunto, a legenda, a negro PALÁCIO DO GOVERNO DE MACAU.

No mercado de arte leiloeiro, foi comercializado um prato *rechaud* com legenda do Palácio do Governo de Macau pelo PCV em 2011 por 600€ (621,96€ a preços de 2012). A CML levou a leilão uma travessa em 2009, que foi retirada.



Fig. 21 – Jarrão, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908), c. 1880

Porcelana decorada com esmaltes “família rosa”

Armas Reais Portuguesas

Altura – 38 cm

Diâmetro boca – 25,5 cm

Diâmetro barriga – 25,4 cm

Diâmetro pé – 21,6 cm

Nº Inventário: 276



Fig. 22 – Jarrão, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908), c. 1880

Porcelana decorada com esmaltes “família rosa de Cantão”

Armas Reais Portuguesas

Altura – 45,5 cm

Diâmetro boca – 18,2 cm

Diâmetro barriga – 24 cm

Diâmetro pé – 13 cm

Nº Inventário: 1610

No tocante ao jarrão sob a fig. 21, encontra-se decorado com esmaltes “família rosa”. Ao centro releva escudo de formato francês: De branco, cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um deles carregado de cinco besantes do campo; Bordadura de vermelho, carregado de sete torres de ouro; Coroa real – Diadema de ouro, enriquecido de pedraria, fechado por oito hastes em arco abatido, de ouro, perladas, sendo aparentes cinco, encimados no ponto de cruzamento pelo mundo crucífero, forrada de vermelho. Ladeiam o brasão dois ramos de verde, passados em aspa sob a ponta e atados de vermelho. Circundando o conjunto, a legenda, a negro PALÁCIO DO GOVERNO DO MACAU.

Quanto ao jarrão sob fig. 22, a decoração é de esmaltes da “família rosa de Cantão”. Ao centro ostenta escudo de formato francês: De branco, cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um deles carregado de cinco besantes do campo; Bordadura de vermelho, carregado de sete torres de ouro; Coroa real – Diadema de ouro, fechado por oito hastes em arco abatido, de ouro, sendo aparentes cinco, encimados no ponto de cruzamento pelo mundo crucífero, forrada de vermelho. Ladeiam o brasão dois ramos de verde, passados em aspa sob a ponta e atados de azul. Debaixo do conjunto, a legenda, a negro, em faixa azul, PALÁCIO DO GOVERNO DE MACAO.

Circundando o brasão de armas, temos painéis com motivos de pássaros ou ramos em flor ou figuras em interior, rodeados por gavinhas ondulantes e flores sobre fundo dourado. O bordo tem motivos de flores e está debruado a dourado. Este último tem também pegadas laterais em relevo dourado em forma de cães de Fô (*vide* detalhe das faces em anexo I, fig. 31 e 32).

A CML leilou no ano passado um jarrão que obteve 300€ (310,98€ a preços de 2012).

Ainda com decoração mandarim e o mesmo tipo de motivos em painéis, a Coleção dispõe de um par de jarrões de grandes dimensões, também dos finais do século XIX, decorados com esmaltes “família rosa de Cantão”:

Ostentam escudo de formato francês: De branco, cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um deles carregado de cinco besantes do campo; Bordadura de vermelho, carregado de sete torres de ouro; Coroa real – Diadema de ouro, enriquecido de pedraria, fechado por oito hastes em arco abatido, de ouro, sendo aparentes cinco, encimados no ponto de cruzamento pelo mundo crucífero, forrada de vermelho. Ladeiam o brasão dois ramos de verde, passados em aspa sob a ponta e atados de azul. Debaixo do conjunto, a legenda, a negro, em faixa azul, PALÁCIO DO GOVERNO DE MACAU.



Fig. 23 – Par de jarrões, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908), c.1880

Porcelana decorada com esmaltes “família rosa de Cantão”

Armas Reais Portuguesas

Altura – 92 cm

Diâmetro boca – 33,5 cm

Diâmetro barriga – 34,5 cm

Diâmetro pé – 30,5 cm

Nº Inventário: 1606

Altura – 92 cm

Diâmetro boca – 33,5 cm

Diâmetro barriga – 35,5cm

Diâmetro pé – 30,5 cm

Nº Inventário: 1607

Os medalhões são circundados por quatro painéis triangulares formados por motivos de pássaros e borboletas pousando sobre ramos de flores ou figuras em interior e exterior, rodeados por flores e borboletas sobre fundo dourado. O bordo tem também motivos de pássaros e flores. Encontram-se adornados por pegas laterais em relevo douradas em forma de cães de Fô (para detalhe das faces, *vide* anexo I, fig. 33).

Para referência de valor de mercado, *vide* pág. 55.

A porcelana armoriada do CCCM: uma análise histórico-artística e de mercado

Na exposição temporária do CCCM, figuram quatro peças de similar decoração e armas reais portuguesas, pertencentes ao final do século XIX, do reinado Guangxu, c. 1880, correspondendo ao reinado de D. Luís I (1838 – 1889):



Fig. 24 – Bacia, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 -1908), c. 1880

Porcelana decorada com esmaltes polícromos sobre o vidro

Armas Reais Portuguesas

Altura – 17 cm

Diâmetro – 40,5 / 41 cm

Diâmetro base – 23 cm

Nº Inventário: 1832

Estes exemplares contêm escudo de formato francês: De branco, cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada um deles carregado de cinco besantes do campo; Bordadura de vermelho, carregado de sete castelos de ouro; Coroa real – Diadema de ouro, enriquecido de pedraria, fechado por oito hastes em arco abatido, de ouro, perlas, sendo aparentes cinco, encimados no ponto de cruzamento pelo mundo crucífero, forrada de vermelho. Ladeiam o brasão dois ramos de verde, passados em aspa sob a ponta e atados de azul. Debaixo do conjunto, a legenda, a negro, em faixa azul, PALÁCIO DO GOVERNO DE MACAO.

As jarras apresentam torres em vez de castelos. Numa, a legenda lê PALA GOVERNO DE MACAO (fig. 26).

Os medalhões são circundados por painéis quadrangulares formados por motivos de pássaros e borboletas sobrevoando ramos de salgueiro (chorão) e de flores, ou figuras chinesas em interior e exterior, rodeados por painéis alveolares (para detalhe das faces, *vide* anexo I, fig. 34, 35, 36 e 37).

O estudo do mercado de arte leiloeiro não evidenciou comercialização de peças idênticas.



Fig. 25 – Jarro, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908), c. 1880

Porcelana decorada com esmaltes polícromos sobre o vidrado
Armas Reais Portuguesas

Altura – 34 cm
Diâmetro boca – 4,5 cm
Diâmetro barriga – 21,3 cm
Diâmetro pé – 16 cm
Nº Inventário: 3721



Fig. 26 – Jarro, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908), c. 1880

Porcelana decorada com esmaltes polícromos sobre o vidrado
Armas Reais Portuguesas

Altura – 34 cm
Diâmetro boca – 4,8 cm
Diâmetro barriga – 21,5 cm
Diâmetro pé – 15,5 cm
Nº Inventário: 1829



Fig. 27 – Jarro, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908), c. 1880

Porcelana decorada com esmaltes polícromos sobre o vidrado
Armas Reais Portuguesas

Altura – 39,5 cm
Diâmetro boca – 6,7 cm
Diâmetro barriga – 23 cm
Diâmetro pé – 16,5 cm
Nº Inventário: 3722



Fig. 28 – Pequeno pote, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908)

Porcelana decorada com esmaltes polícromos sob o vidrado

Armas: Companhia de Jesus

Altura c/ tampa – 13,3 cm

Diâmetro barriga – 9,5 cm

Altura s/ tampa – 10,5 cm

Diâmetro pé – 7,6 cm

Diâmetro boca – 4,1 cm

Nº Inventário: 823

Pequeno pote com tampa, gargalo curto e bojo acentuado, decorado com esmaltes polícromos sobre o vidrado. O bojo, delimitado por painéis de lótus, junto da base, e cercadura no ombro, apresenta um medalhão constituído por heráldica religiosa da Companhia de Jesus e peónias. As iniciais IHS, entrelaçadas e encimadas por cruz, são circundadas por coroa de espinhos, que invoca a Paixão de Cristo.

Para análise do *encomendante*, vide pág. 24-25. O estudo do mercado leiloeiro não evidenciou comercialização de peças idênticas, produzidas neste reinado.



Fig. 29 – Pequeno pote, dinastia Qing, depois de 1900

Porcelana decorada a azul-cobalto sob o vidrado

Armas: Companhia de Jesus

Altura – 14,3 cm

Diâmetro barriga – 11,7 cm

Diâmetro boca – 4,8 cm

Diâmetro pé – 9,1 cm

Nº inventário: 774

Com gargalo curto e estreito, bojo largo e quatro pequenas asas em forma de cabeça de macaco, tem decoração a azul-cobalto sob o vidrado. Entre a folhagem, duas reservas polilobadas, separadas entre si por borboleta. Numa encontra-se o monograma da Companhia de Jesus IHS, sendo o H encimado por cruz. Sob as iniciais os três pregos da Crucificação. Na reserva da face oposta (fig. 29), este encontra-se sobre dois corações, sendo um trespassado por espada, e é delimitado por catorze estrelas.

De acordo com o catálogo “Do Neolítico ao Último Imperador”, os dois corações simbolizam os corações de Jesus e de Maria, pois no Evangelho de S. Lucas, no âmbito da Apresentação do Menino Jesus no Templo (Capítulo II, 35), o velho Simeão anunciou a Maria que uma espada lhe trespassaria a alma, simbolizada pelo coração. Esta representação surge na sequência da consagração do Sagrado Coração de Jesus, que ocorreu no Pontificado do Papa Leão XIII (1878 – 1903), por Decreto de 28 de Junho de 1889.

A Mulher descrita no capítulo XII, versículo I do Apocalipse, que na interpretação actual é símbolo da Igreja e simultaneamente de Maria, tem uma auréola de doze estrelas, sendo que neste caso temos catorze.

Para análise do *encomendante* e de referências de valor no mercado leiloeiro, *vide* pág. 24-25.



Fig. 30 – Pequeno pote, dinastia Qing, depois de 1900

Porcelana decorada a azul-cobalto sob o vidrado

Armas: Companhia de Jesus

Altura – 11,5 cm

Diâmetro barriga – 10,8 cm

Diâmetro boca – 5,5 cm

Diâmetro pé – 8,5 cm

Nº Inventário: 154 (na reserva)

Pequeno pote com gargalo curto e bojo largo de porcelana branca, decorado a azul-cobalto sob o vidrado, com motivos de folhagem. Numa das faces ostenta o monograma da Companhia de Jesus encimado por cruz e sobre pregos, realizados de forma grosseira, rodeado por resplendor, simbolizando o sol. No lado oposto, figura igual estilização do sol, contendo no seu interior nove estrelas dispostas em círculo, que rodeiam dois corações encimados por cruz (*vide* anexo I, fig. 38), sendo o da direita trespassado por espada (para significado ver peça com nº de inventário 774). Os medalhões estão separados de um lado por dois ramos florais e, do outro, por dois ramos com pêssegos.

Para referência do *encomendante* e de valores de mercado, *vide* pág. 24-25.

PARTE 3 – Conclusões

A Coleção de porcelana armoriada portuguesa do Museu do CCCM reúne peças em representação da família real e de diversas famílias da nobreza, nela constando os brasões das armas reais; Ataíde; Beltrão de Seabra; Companhia de Jesus; Corte Real; Ordem de Santo Agostinho; Paes, Sande e Castro; Sampaio e Melo; Seabra da Silva.

Peças semelhantes encontram-se em diversos e importantes acervos nacionais e internacionais, tais como na Coleção RA, na Jorge Veiga, na Coleção D. Afonso Dornellas, na Coleção de Ricardo do Espírito Santo Silva, na Coleção M. H. Castro, na Coleção de Castro e Solla, na Coleção de Elsa e Newton Carneiro, no Museu Nacional de Arte Antiga, na Fundação Oriente, na Coleção Ângelo Caldas, na Coleção Jorge Mota, na Fundação Medeiros e Almeida, e na antiga Coleção Mottahedeh.

As peças em estudo, num total de 32, contemplam um horizonte temporal significativo, com exemplares desde o século XVI ao século XX. A sua análise permitiu o enquadramento destas nos períodos da dinastia Ming – reinado de Wanli (um pote), e da dinastia Qing – reinados de Kangxi (dois pratos e um pote), Qianlong (dois potes e cinco pratos), Jiaqing (dois pratos e um pote), Daoguang (um pote), Tongzhi (um pote e uma jarra), Guangxu (quatro jarrões, uma bacia, três jarros, dois pratos, um pote). Sobre quatro potes, os elementos de análise permitiram o enquadramento de dois no século XVIII e outros dois no século XX.

Atesta-se também a variedade de tipologias presentes, entre serviços de mesa, peças de decoração e de uso pessoal, peças de uso eclesiástico, incluindo pratos, pratos de grandes dimensões, potes, jarrões, jarros e bacia.

A decoração é também diversificada, entre exemplares a “azul e branco” ou policromados, com aplicação de esmaltes “família verde”, “família rosa”, *imari* e mandarim, expressando paisagens orientais, a par de motivos, especialmente brasões de armas ou escudos eclesiásticos, flores e frutos ocidentais.

Da análise da coleção no âmbito do mercado de arte leiloeira lisboeta, apurámos dados da comercialização, no período 2005-2012, relativamente a 19 das 32 peças estudadas. Com valores de martelo, expressos a preços de 2012, entre 125 € (prato de Paes, Sande e Castro) e 29.024,80 € (prato de grandes dimensões de Sampaio e Melo), o valor de

apenas este conjunto ascenderia a 48.236,92 €. Ora, a ausência das restantes peças no mercado remete para a sua relativa raridade e para a possibilidade de serem mais valorizadas que as antes referidas, tanto mais que outras peças dos brasões e serviços em análise registaram neste período valores significativos.

Nesta série estudada, que é apenas parte da Colecção de arte do Museu, cumpre-se um dos principais desígnios do CCCM, que visa contribuir para a preservação e divulgação do património cultural existente em Portugal que atesta a presença portuguesa e a sua ligação cultural à China. Tal objectivo é especialmente conseguido, através da abrangência dos períodos de produção das peças, da intensidade da sua história (a história dos seus *encomendantes*) e da riqueza e variedade das suas decorações, que representam, também, uma expressão da síntese da cultura portuguesa (brasão de armas/história, tipologia da peça, motivos da decoração) e chinesa (tecnologia, interpretação do brasão de armas, motivos da decoração).

Através do presente estudo, esperamos ter prestado útil contributo para aquele desígnio, bem assim como para a não menos nobre missão do CCCM: promover um melhor conhecimento científico sobre a presença histórica e cultural portuguesa na região Ásia – Pacífico, em particular na República Popular da China.

BIBLIOGRAFIA

- Abrantes, M. de (1992), *Introdução ao estudo da heráldica*. Lisboa, Portugal: ICALP.
- Afonso, L. U. (2012), “Características e tendências do mercado leiloeiro português nos últimos anos”, in A. Fernandes e L. U. Afonso (eds.), *Os leilões e o mercado da arte em Portugal*. Lisboa, Portugal: Scribe.
- Albuquerque, L. (1991), *O Confronto do Olhar: O encontro dos povos na época das navegações portuguesas séculos XV e XVI*, Lisboa, Portugal: Caminho.
- Albuquerque, M., R. S. Calado, A. Calvão, E. H. C. Carvalho, N. Castro, M. A. Pinto de Matos e A. Sapage (1995), *Companhia das Índias: Porcelanas*. Lisboa, Portugal: Bertrand Editora.
- Antunes, M. S. L. (2000), *Porcelanas da China: Coleção Ricardo do Espírito Santo Silva*. Lisboa, Portugal: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.
- Antunes, M. S. L. (1999), *Porcelanas e Vidros*. Lisboa, Portugal: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva – Museu-Escola de Artes Decorativas.
- Beurdeley, M. (1969), *Porcelaine de la Compagnie des Indes*. Fribourg, Suíça: Office du Livre.
- Borrego, N. (2003), *Cartas de Brasões de Armas – Colectânea*. Lisboa, Portugal: Guarda-Mor.
- Boulay, A. (1984), *Christie's Pictorial History of Chinese Ceramics*. Upper Saddle River, Nova Jersey: Prentice-Hall.
- Brancante, E. F. (1950), *O Brasil e a Louça da Índia*. São Paulo, Brasil: Livraria Cosmos.
- Calvão, J. R. (coord.; 1998), *Caminhos de Porcelana. Dinastias Ming e Qing*, Lisboa, Portugal: Fundação Oriente.
- Canepa, T. (2003), *Imagens do Cristianismo na Porcelana da China*. Lisboa, Portugal: Jorge Welsh Books.

Canepa, T. (2004), *Linglong*. Lisboa, Portugal: Jorge Welsh Books.

Canepa, T. e C. van der Pijl-Ketel, *Porcelana Kraak: O desenvolvimento do comércio global no final do século XVI e início do século XVII*. Lisboa, Portugal: Jorge Welsh Books.

Carswell, J. (2002), *Flora e Fauna: Uma coleção de porcelana da dinastia Qing*. Lisboa, Portugal: Jorge Welsh Books.

Castro, N. (1987), *A Porcelana Chinesa e os Brasões do Império*. Porto, Portugal: Editora Civilização.

Castro, N. (2007), *A Porcelana Chinesa ao Tempo do Império – Portugal/Brasil*. Lisboa, Portugal: ACD Editores.

Espir, H. (2005), *European Decoration on Oriental Porcelain*. Londres, Reino Unido: Jorge Welsh Books.

Freire, B. (1989), *Armaria Portuguesa*. Lisboa, Portugal: Cota d'Armas Editores e Livreiros.

Gomes, A. C. (coord, 1994), *Do Neolítico ao Último Imperador*, Lisboa, Portugal: IGESPAR.

Gordon, E. (1978), *Collecting Chinese Export Porcelain*. Londres, Reino Unido: John Murray Publishers.

Goody, J. (1996), *The East in the West*, Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press.

Guimarães, L. L. (coord.; 2002), *Oriente Ocidente: Dimensões culturais*. Brasília, Brasil: Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares.

Gunn, G. C. (2003), *First Globalisation: The Eurasian Exchange, 1500-1800*. Nova Iorque, E.U.A: Rowman & Littlefield.

Howard, D. (2003), *Chinese Armorial Porcelain*. Chippenham, Reino Unido: Heirloom & Howard, vol. II.

Howard, D. e J. Ayers (1978), *China for the West: Chinese porcelain and other Decorative Arts for Export illustrated from the Mottahedeh collection*. Londres, Reino Unido: Sotheby Park Bernet.

Jackson, A. e A. Jaffer (ed.; 2004), *Encounters: The Meeting of Asia and Europe 1500 – 1800*. Londres, Reino Unido: V & A Publications.

Le Corbeiller, C. (1973), *China Trade Porcelain: A Study in Double Reflections*. Nova Iorque, Nova Iorque: China House Gallery.

Leite, J. R. T. (1986), *As Companhias das Índias e a porcelana chinesa de encomenda*. Salvador, Brasil: Fundação Cultural da Bahia.

Li, He (2006), *Chinese Ceramics. The New Standard Guide*. Londres, Reino Unido: Thames & Hudson.

Matos, A. (1941), *Manual de Heráldica Portuguesa*. Porto, Portugal: Fernando Machado.

Matos, M. A. P. (1996), *A casa das porcelanas: Cerâmica chinesa da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa, Portugal: Instituto Português de Museus.

Matos, M. A. P. (1999), Portuguese Trade, *Oriental Art: A quarterly publication devoted to the study of all forms of oriental art*, 45(1), 22-29.

Matos, M. A. P. (2000), Chinese porcelain in portuguese public collections, *Oriental Art: A quarterly publication devoted to the study of all forms of oriental art*, 46(3), 2-12.

Matos, M. A. P. (2000), Macao and porcelain for the portuguese market, *Oriental Art: A quarterly publication devoted to the study of all forms of oriental art* 46(3), 66-75.

Matos, M. A. P. e M. S. L. Antunes (2002), *Porcelana Chinesa da Fundação Carmona e Costa*. Lisboa, Portugal: Assírio e Alvim.

Matos, M. A. P. (2003), Chinese porcelain in portuguese written sources, *Oriental Art: A quarterly publication devoted to the study of all forms of oriental art* 48(5), 36-40.

A porcelana armoriada do CCCM: uma análise histórico-artística e de mercado

Matos, M. A. P (2011), *Cerâmica da China. Coleção RA*. Lisboa, Portugal: Jorge Welsh Books, Vol. I a III.

Pimentel, A. F. e A. M. Ferreira (1993), *Porcelanas e Mares da China*. Lisboa, Portugal: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses (1989-2002).

Santos, I. (1997), *Macau e o Oriente: No Arquivo Histórico Ultramarino*. Macau, China: Instituto Cultural de Macau.

Santos, A. V. (2007 a 2010), *Portugal na Porcelana da China – 500 Anos de Comércio*. Lisboa, Portugal: Arte Mágica, Vol. I a IV.

Solla, C. C. (1928 a 1933), *Cerâmica brazonada: Revista e arte e de heráldica*. Lisboa, Portugal: Oficina Gráfica do Museu Commercial., Vol. I e II.

Souza, José de Campos e (1962), *Loiça Brasonada: Subsídios para a sua história*. Porto, Portugal: Livraria Fernando Machado.

Sullivan, M. (1989), *The Meeting of Eastern and Western Art*. Berkeley, Los Angeles, Londres, E.U.A e Reino Unido: University of California Press.

Veiga, J. G. (1989), *Chine Export Porcelain in Private Brazilian Collections*. Londres, Reino Unido: Han-Shan Tan.

Welsh, J. (2001), *Western Orders of Chinese Porcelain*. Lisboa, Portugal: Jorge Welsh Books.

Welsh, J. (2005), *Cenas Europeias na Arte Chinesa*. Lisboa, Portugal: Jorge Welsh Books.

Welsh, J. (2006), *Porcelana de Exportação Zhangzhou: a porcelana conhecida por Swatow*. Lisboa, Portugal: Jorge Welsh Books.

Zúquete, A. (1961), *Armorial Lusitano*. Lisboa, Portugal: Editorial Enciclopédia.

Anexo I



Fig. 31 – Faces de Jarrão, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908), c. 1880

Porcelana decorada com esmaltes “família rosa”

Armas Reais Portuguesas

Nº Inventário: 276



Fig. 32 – Faces de jarrão, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908), c. 1880

Porcelana decorada com esmaltes “família rosa”

Armas Reais Portuguesas

Nº Inventário 1610



Fig. 33 – Faces de par de jarrões, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908),
c.1880

Porcelana decorada com esmaltes “família rosa de Cantão”

Armas Reais Portuguesas

N^{os} Inventário: 1606 e 1607



Fig. 34 – Faces e interior de bacia, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 -1908),
c. 1880

Porcelana decorada com esmaltes polícromos sobre o vidrado

Armas Reais Portuguesas

Nº Inventário: 1832



Fig. 35 – Faces de jarro, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908), c. 1880

Porcelana decorada com esmaltes polícromos sobre o vidrado

Armas Reais Portuguesas

Nº Inventário: 3721



Fig. 36 –Fases de jarro, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908), c. 1880

Porcelana decorada com esmaltes polícromos sobre o vidrado

Armas Reais Portuguesas

Nº Inventário: 1829



Fig. 37 – Faces de jarro, dinastia Qing, reinado de Guangxu (1875 – 1908), c. 1880

Porcelana decorada com esmaltes polícromos sobre o vidrado

Armas Reais Portuguesas

Nº Inventário:3722



Fig. 38 – Pequeno pote, dinastia Qing, depois de 1900

Porcelana decorada a azul-cobalto sob o vidrado

Armas: Companhia de Jesus

Nº Inventário: 154 (na reserva)

Anexo II